

O google da língua indígena
Aryon Dall'Igna Rodrigues

Paralímpicos
*Medalhistas do
tênis de mesa*

BR-153
Fé na estrada

CAMPUSREPÓRTER

Guerra na África
*Sobreviventes do
Exército de Kony
em Uganda*



Carta da editora

Pela primeira vez, Campus Repórter publica um dossiê. Neste dossiê inaugural, trazemos o perfil do linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues, considerado o autor que lançou a hipótese da família da língua indígena Tupi, posteriormente comprovada. Também trazemos uma entrevista inédita com Aryon, feita pelo pesquisador Henryk Siewierski.

Campus Repórter, mais uma vez de mochila nas costas, colocou os pés na estrada. Fomos longe, fomos à mãe África, em uma trilha de mais de 7 mil quilômetros. Em Uganda, buscamos recuperar histórias de pessoas que conviveram de diversas formas com o Exército LRA – as vítimas de Kony.

Uma outra reportagem relata o quão distante podem se tornar os pequenos gestos do cotidiano: a história de dois jovens brasileiros de destaque no tênis de mesa, a narrativa dos obstáculos de percurso e, também, as vitórias rumo à Paralimpíada Rio 2016.

Voltando às distâncias, também cruzamos o Brasil, com os olhos atentos, bloco em punho, pelas inúmeras reentrâncias às margens de mil quilômetros da BR-153, a quarta maior rodovia brasileira. E, na editoria de arte, trazemos uma página com um poema para Brasília, espaço ilustrado com uma foto do ensaio “Brasília Derramada”.

Você adentra, agora, um laboratório de reportagem em revista: a cada semestre, partimos do processo de pré-pauta, pauta, apuração, redação e finalização do texto; paralelamente trafegamos pela produção fotográfica e pelo design até alcançarmos o momento vital que é chegar às suas mãos, leitor, leitora.

Brasília, julho de 2014

Dione Moura
Editora-executiva



Expediente

Editora-executiva

Dione Moura

Editores

David Renault, Paulo Paniago e Sérgio de Sá

Editora de arte

Suzana Guedes Cardoso

Editores de fotografia

Marcelo Feijó e Diana Landim

Reportagem

Alexandre de Paula, Jéssica Paula, Augusto Berto, Kelsiane Nunes, Iasminny Thábata

Fotografia

Jéssica Paula, Júlia Rangel, Mateus Vidigal e Tainá Seixas

Foto da capa

Jéssica Paula

Diagramação

Eduardo Carvalho, Julieta Zundl, Leilane Gama, Lucas Ludgero, Maria Paula Lima, Marília Ferreira e Thaísa Oliveira

Secretária de Redação

Thaísa Oliveira

Agradecimentos

Jornalista Claude Emma Omona, do Red Pepper Uganda News, de Uganda; Flora Egécia; Professor Dr. Wagner Rizzo, Faculdade de Comunicação (FAC), UnB; Laboratório de Línguas e Literatura Indígenas (LALLI) e Henryk Siewierski, Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília.

Faculdade de Comunicação | UnB

Diretor

David Renault da Silva

Departamento de Jornalismo

Sérgio de Sá

Departamento de Audiovisual e Publicidade

Selma Regina Nunes Oliveira

Coordenação Comunicação Organizacional

Tiago Quiroga

Endereço

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação,
ICC Ala Norte CEP 70.919-900. Brasília-DF
Tel. (61) 3307.24.61
Caixa Postal. 04660
www.fac.unb.br

Impressão

Gráfica Coronário

Tiragem

3.000 exemplares

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e estudantes das disciplinas Laboratório Campur Repórter e Oficina de Diagramação. Faculdade de Comunicação | UnB. Ano 9, número 14, 2014.

Para enviar comentários ou pedir algum exemplar da nossa revista, entre em contato pelo endereço reportercampus@gmail.com



Foto | Acervo jornal-laboratório *Campus*

Fundadores Darcy Ribeiro e Pompeu de Sousa, registro histórico, acervo do jornal-laboratório *Campus*. Em 1963, Pompeu de Sousa foi o autor do projeto da primeira Faculdade de Comunicação de Massas do Brasil, na UnB. Neste cinquentenário, a Faculdade de Comunicação da UnB (FAC-UnB) se reinventou sem perder o vínculo com as raízes de uma comunicação transformadora, empreendedora e cidadã.



Carta do leitor

Olá, sou aluna do doutorado em direito da UnB e tive acesso apenas agora à revista. Escrevo para parabenizar a publicação, em especial os responsáveis pela matéria “Cuidadores da morte”: Nathalia Koslyk, Carol Matias e Thiago Lima. Aprendi e me emocionei com o texto. Achei muito bem escrita e bem apresentada a reportagem, além do inusitado do tema. Valeu mesmo.

Saudações,
Aline Salles



06

Paratletas

Impulso da Raquete



18

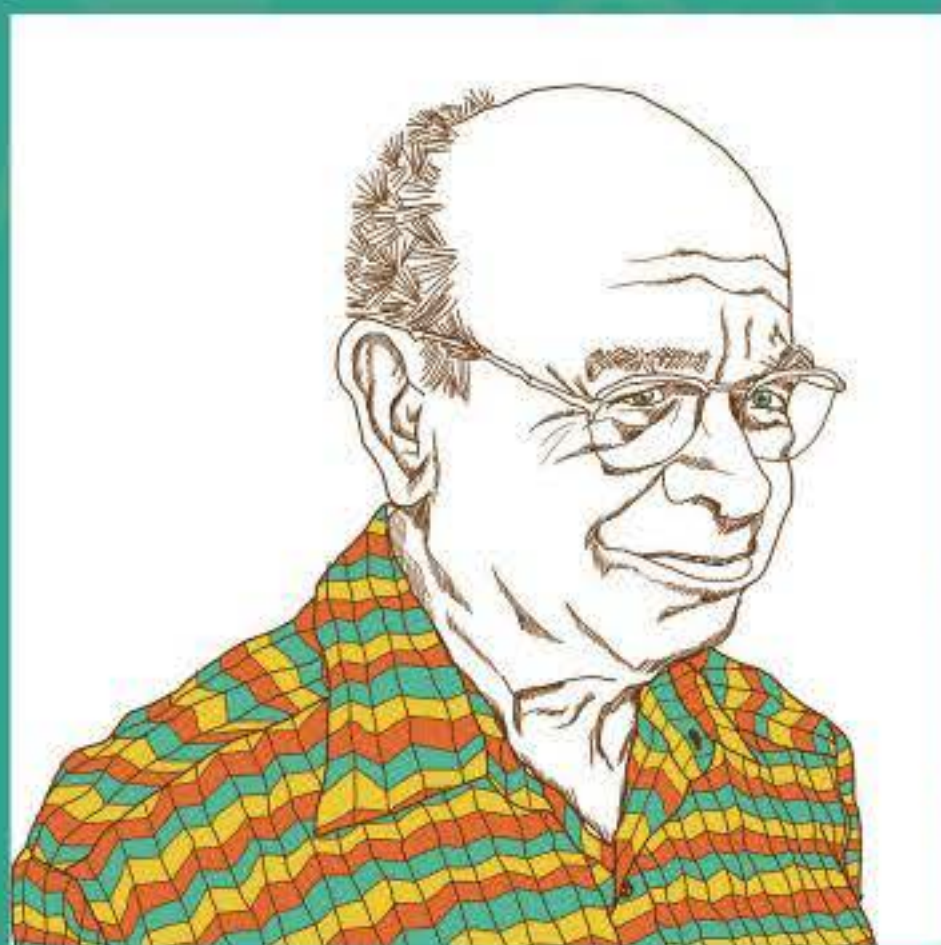
África

Vítimas de Kony

32

Dossiê

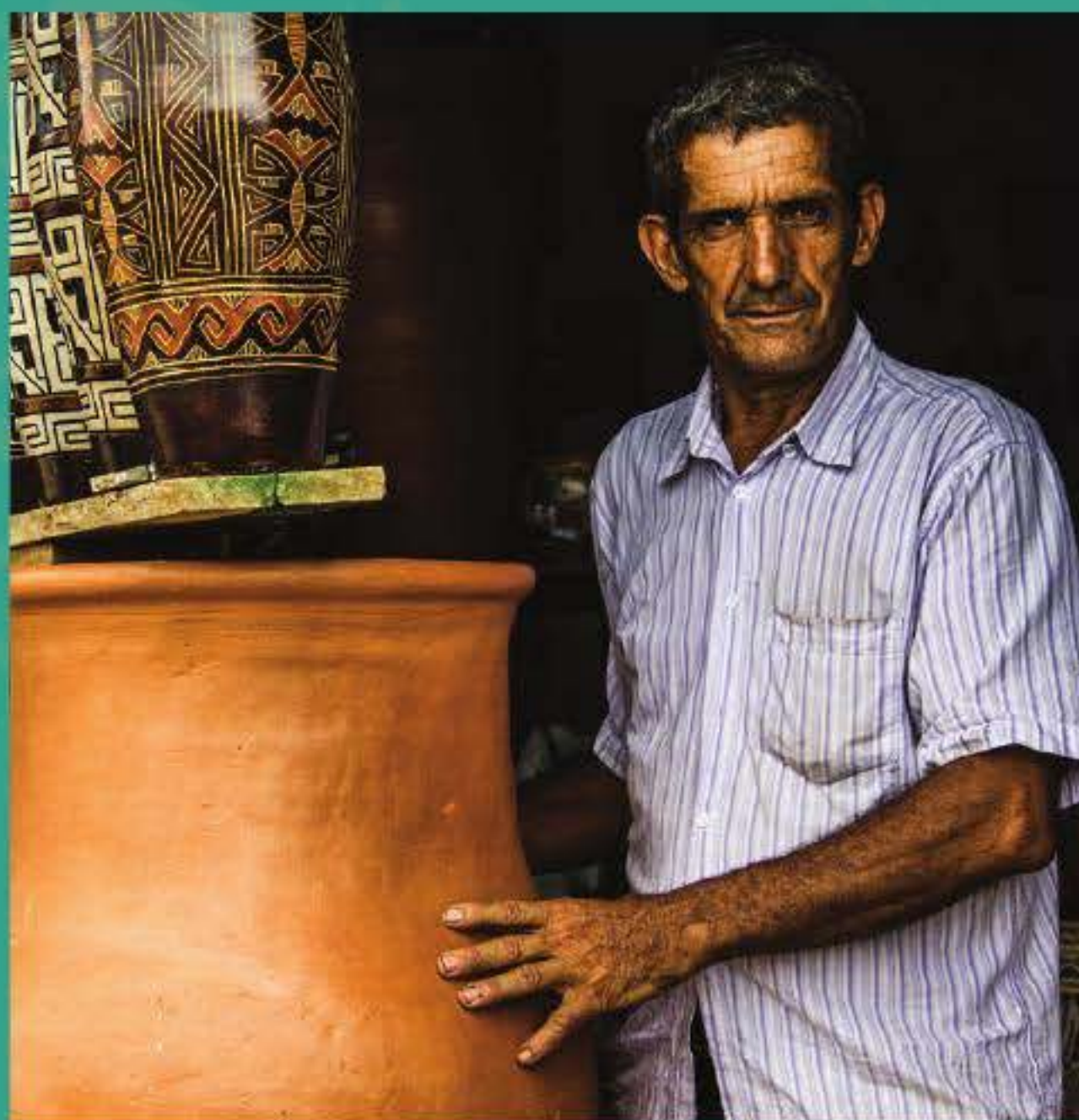
Aryon Dall'Igna Rodrigues



46

BR 153

Às margens da estrada



IMPULSO DA RAQUETE

A história de Bruno Braga e
Guilherme Costa. Amigos de escola,
no espaço de dez meses ficaram
tetraplégicos. O tênis de mesa foi
o meio que encontraram para
reconstruir a vida. Hoje, são esperança
de medalhas para os Jogos
Paralímpicos Rio 2016.

Texto | **Augusto Berto**
Fotos | **Tainá Seixas**
Diagramação e arte | **Maria Paula Abreu**





Carla Costa levava uma vida tão morna que para ela todos os dias eram como segunda-feira. Funcionária pública, feliz no casamento, dois filhos saudáveis. Morava em um apartamento no Sudoeste, bairro nobre de Brasília. Naquele 6 de novembro de 2007 — uma segunda-feira —, almoçava com os filhos Guilherme, 14 anos, e Gustavo, 12. Na acanhada mesa da cozinha, mal cabiam os pratos dos três. Nas últimas garfadas, fez contas, tabuada mental com o boletim dos meninos. Rezou para que nenhum deles ficasse de recuperação na escola.

Guilherme terminou de comer e saiu correndo. À tarde, teria jiu-jitsu e aula de reforço no colégio. Raspou o resto de comida no lixo, abriu a porta de casa e apertou o botão do elevador. Enquanto aguardava, Carla observou: “Como o Gui está bonito, forte”. Guilherme tinha um corpo avançado para a idade: 1,78m e 74kg. “Vai ficar maior que a geladeira aqui de casa”, pensou Carla, rindo sozinha. Quando a porta do elevador fechou, a mãe não poderia imaginar que era

a última vez que via Guilherme andando. Por pouco, não foi a última vez que Carla viu o filho vivo.

Recém-chegado à adolescência, Guilherme pedia mais liberdade para a mãe. Ir sozinho à natação, curso de inglês ou escola representava a rebeldia para a idade. Há dois ou três anos era impensável o rapaz atravessar sozinho os 15 minutos de caminhada do Parque da Cidade ao Santo Ant nio, colégio em que estudava, na 911 Sul. Ato que era cada vez mais frequente nos últimos meses, para desespero da mãe.

Na hora de ir embora, Bia, a melhor amiga, ofereceu carona, que chegaria em 30 minutos. Na pressa de voltar, dispensou ajuda. “Vou a p  mesmo, hoje é dia de pelada”, respondeu Guilherme, que diz até hoje que tinha potencial para jogar futebol profissionalmente. Os amigos mais próximos afirmam que, pelo talento do rapaz, ele continuaria a dar chutes perto de casa.  s 16h40, saiu correndo pelo portão do colégio e entrou no gramado do Parque da Cidade. Adorava fazer o trajeto sozinho. Momento

de se sentir livre, às vezes desviava o caminho, ia beber escondido dos pais. Teve pouco tempo para aproveitar a liberdade. Dez minutos depois, seria atropelado e nunca mais voltaria a andar.

Guilherme não se lembra de nada. Só acordaria do coma 20 dias depois. O acidente ocorreu no Estacionamento 4 do parque, em frente ao restaurante Gib o. Um corsa vermelho, ano 2000, a 105km/h colidiu frontalmente com Guilherme. A velocidade máxima da pista é de 50km/h.

O carro teve cap , painel e teto amassados. Para-brisa e para-choque quebraram, assim como farol e lanterna. Até o vidro do porta-malas rachou. O sistema de dire o e freios do carro funcionavam normalmente. Pneus estavam em bom estado. A visibilidade era ampla, o tempo estava bom, pista seca e sem qualquer obstáculo.

O motorista infrator chamou o Corpo de Bombeiros e aguardou no local até a chegada do socorro. Guilherme foi levado ao Hospital de Base. Ainda dentro da ambulância, seu cora o parou pela primeira vez.

Profecia

O celular de Coaracy, pai de Guilherme, tocou. “Oi, aqui é da escola do Gui. O seu filho foi atropelado.” A boca secou. Lembrou que a informação, chocante que fosse, não era uma total surpresa.

Dois anos antes do acidente, Fabiane, colega de trabalho de Coaracy, fez um convite. “Tem um padre anglicano que chegou a Brasília tem pouco tempo. Dizem que ele lê sua mão, fala umas coisas da sua vida que você não acredita.” Era espírita e sempre gostou de estudar outras religiões.

Não se opôs à ideia.

A fila na igreja estava enorme. Fabiane já conhecia o local, entrou pelos fundos e furou fila. Dentro da sala, o padre sentou na frente de Coaracy, pediu sua mão e olhou por alguns segundos.

– Você tem dois filhos, certo?

– perguntou o padre.

– Exato – respondeu Coaracy.

– Um deles está propenso a ser atropelado – sentenciou o religioso.

O padre ainda continuou, fez observações como “você tem um grande poder em mãos”. Mas o que

importava mesmo era falar sobre o possível atropelamento. “Fique calmo. Compre duas medalhas de São Bento e mande benzer. Dê uma para cada filho e eles estarão protegidos”, recomendou o padre.

Coaracy falou com Carla sobre o episódio. “Eu achei besteira. Mas pelo sim, pelo não, comprei as medalhas e entreguei para os meninos”, lembra Carla.

No dia do acidente, Guilherme fez jiu-jitsu mais cedo e tirou a medalha do peito. Gustavo, o irmão mais novo, até hoje tem o amuleto pendurado no pescoço.



No quarto, as inspirações de Guilherme. Três biografias de Ayrton Senna na estante e a camisa do Flamengo, autografada por Zico, junto à foto do dia em que encontrou o craque, em 2011

Não é raro Coaracy chegar do trabalho após as 21h. O principal programa durante a semana é assistir a televisão. “Meu pai é o maior noveleiro que existe”, brinca Guilherme



Adrenalina

A notícia do acidente se espalhou. Nos 30 minutos seguintes, familiares e amigos chegaram ao Hospital de Base para ter notícias do estado de saúde de Guilherme. Até então, nenhuma certeza. A equipe médica ainda trancafiada na sala de cirurgia não expôs qualquer detalhe.

Por sorte, não souberam quando, pela segunda vez, o coração de Guilherme parou. Este foi o momento em que o menino esteve mais próximo da morte.

A equipe médica tentou reanimá-lo com massagem cardíaca e choques no peito, sem sucesso. Sem outras opções, realizaram um procedimento considerado arcaico na medicina. Aplicaram uma injeção de adrenalina, diretamente no coração.

Sem notícias, Carla e Coaracy voltaram para casa, mas não aquietaram por muito tempo. O silêncio preencheu a sala. Esperaram o tempo que a paciência permitiu. À 1h30 da manhã, retornaram ao Hospital de Base

para receber a notícia de que o sofrimento seria, oficialmente, uma rotina.

Já com a segurança do hospital mais desatenta, começaram a procurar em qual quarto o filho estava. No corredor, uma médica interpelou a dupla. “Somos os pais do menino que foi atropelado”, disse Coaracy. A doutora respondeu:

— Pai, vai para casa rezar. A medicina já fez tudo que poderia pelo seu filho. O estado dele é gravíssimo. Vamos tentar trazê-lo da morte para a vida.

Segundo a tradição japonesa, o tsuru é uma ave sagrada que vive mil anos. E quem fizer mil aves de papel terá um desejo concedido. Logo após o acidente de Guilherme, todos os alunos da escola onde estudava fizeram um — ou mais — tsurus. Dentro da caixa, há três mil origamis



O cachorro Chico chegou logo após a recuperação do acidente de Guilherme. Hoje, ajuda a adestrar o animal, que fica imóvel ao primeiro grito de “Deita!” dado pelo rapaz

Praia e mar

A primeira noite é sempre a pior. Nenhum pai ou mãe cogita a possibilidade de enterrar o próprio filho. Dentro do carro, na volta para casa, Carla tentou procurar a explicação que não existia. Coaracy não falava nada. O ódio pelo homem que atropelou o filho ainda estava muito forte.

Entraram em casa, não acenderam nenhuma luz. Carla foi direto para o quarto de Guilherme. Tateou as paredes no escuro, até

encontrar o armário. Tirou uma muda de roupas, que apertou contra o peito. Chorando, olhava para o teto, gritava com Deus: “Por que você está fazendo isso? Já levou meu pai e minha mãe, agora quer levar meu filho?”.

Coaracy tentou segurar o choro. Olhou para uma foto de Guilherme no porta-retrato. Na imagem, Guilherme estava forte, empinava pipa na praia. Em nada lembrava o corpo retorcido em cima da maca que vira horas antes. “Eu só pedia a

oportunidade de beijar meu filho de novo”, desabafa.

A foto na praia ganharia mais significado dias depois, quando um líder do centro espírita que Coaracy frequentava o chamou para conversar.

— O Gui gosta muito de mar, né?

— É o lugar preferido dele. Por quê?

— Os espíritos levaram o Guilherme para uma praia e estão decidindo agora se ele fica ou se vai partir.

UTI

No dia seguinte, 7 de novembro, Carla e Coaracy chegaram à UTI às 5h. O primeiro boletim médico foi desolador. Guilherme sofrera traumatismo craniano, trauma torácico com perfuração de pulmão, cortes profundos nos braços e ombros, fratura exposta da tíbia e fíbula esquerda. Essas foram lesões diagnosticadas no primeiro momento. Como o impacto do atropelamento fora muito forte, já existia a suspeita de lesão medular. Mas o tomógrafo estava quebrado, e ainda não se sabia das lesões nas vértebras do

pescoço C5, C6 e C7, que o deixaram tetraplégico.

Guilherme foi para a UTI de um hospital particular, o Santa Luzia, no dia seguinte, 8 de novembro. Chegou em situação de risco, quase morreu durante o transporte de um hospital para o outro, mas a partir do momento em que foi para um local com mais estrutura, o quadro clínico só melhorou. Coaracy pediu demissão do emprego para ficar ao lado do filho. Sete anos após o acidente, a equipe médica do Santa Luzia ainda lembra do pai que aprendeu com os enfermeiros a fazer curati-

vos, limpar e dar banho.

Logo a família soube que Guilherme estava tetraplégico. A notícia, por mais dolorosa que fosse, ainda era um alento. “Se ele estava tetraplégico, é porque estava vivo. Meu filho não morreu por um triz. O resto a gente recuperava”, diz Carla Costa.

O cartel de Guilherme impressiona: 62 dias na UTI, sete cirurgias, duas paradas cardíacas e 20 dias em coma. A fase de maior risco tinha passado. Agora, Guilherme iria começar uma nova vida, com menos movimento, mas não menos movimentada.

Novo talento

A Rede Sarah é referência na recuperação de pessoas com limitação de movimento. Quando o paciente é encaminhado para lá, está com o quadro clínico estável. Sem feridas ou machucados.

O principal objetivo nessa etapa é estimular a ter os mesmos hábitos que tinha antes do acidente, ou o mais próximo da liberdade que conseguir. Atos simples, mas que logo após uma lesão medular tornam-se heroicos, como escovar

os dentes ou lavar o rosto. Para isso, deve-se exercitar o corpo do paciente a todo instante. E a forma que o Sarah adota para fazer isso de um jeito mais agradável é estimular a prática de esportes.

Guilherme foi apresentado a todas as modalidades disponíveis, como canoagem e esgrima, mas chamou a atenção em um esporte que odiava antes do acidente: tênis de mesa. Alessandra Neves, fisioterapeuta do Sarah, ficou impressionada com as primeiras raquetadas que o novo paciente

dava na bola.

Ao perceber o talento do garoto, o recomendou para os cuidados de Ricardo Rizzone, treinador da seleção brasileira paralímpica de tênis de mesa. Guilherme ficou reticente com a ideia. “Dizia que o negócio dele era futebol, que esse negócio de ping-pong era coisa de fresco”, recorda Alessandra.

Ela só não imaginava que seria olheira de um dos maiores talentos do tênis de mesa brasileiro nos últimos anos.

Bruno franze a testa quando perguntado se acha que é um exemplo de superação: “Minha superação não é ser deficiente físico, e sim acordar todos os dias e treinar até meu corpo doer inteiro”





O esporte foi fundamental para recuperar muitos movimentos de Guilherme. Hoje ele troca de roupa, se alimenta e até dirige sozinho

Queda livre

Guilherme respondia muito bem às sessões de fisioterapia. O tênis de mesa já era parte fundamental na recuperação. Com a vida voltando ao normal, estava na hora de fazer o que qualquer jovem de 16 anos é obrigado: estudar. Logo no primeiro dia de aula, Guilherme levou a sério os conselhos dados no Sarah para ser independente. Não titubeou ao tentar subir sozinho a rampa íngreme que dava acesso ao andar de salas. Recém-acidentado, o braço fraquejou e a cadeira se

projetou em queda livre.

Segundos depois, a trajetória era interrompida. Guilherme olhou para cima e viu Bruno Braga, figura famosa. Boa pinta, fazia sucesso entre as meninas do ensino médio do Sigma, tradicional escola de Brasília. Para ajudar Guilherme, Bruno deixou para trás a pretendente com quem estava abraçado. A menina achou ruim, bateu perna e foi embora. Bruno não chegou a ver a debandada. Ficou interessado em saber mais sobre o novato.

Logo tornaram-se amigos, andavam no mesmo grupo, en-

contravam-se no intervalo. Bruno admirava a força de vontade daquele menino na cadeira de rodas em continuar estudando.

Num domingo, tomava banho de piscina com um amigo. O colega estranhou que Bruno estivesse calado, perguntou o motivo. Ele explicou: "Imagina você tentar mexer o dedão do pé e não conseguir. Imagina tentar mexer a mão e não conseguir". Sentia pena de Guilherme naquele momento, admite. "Imagina você não se mexer mais." Em poucos dias, Bruno saberia exatamente como descrever essa situação.

Pesadelo

Bruno acordou. Ainda meio tonto, tentou se levantar. Não conseguiu. Tentou movimentar a perna. Depois o braço. Dobrar o joelho. Falhou de novo. Tentou sacudir o corpo inteiro, cada parte. Só conseguiu mexer o pescoço. Neste momento, médicos vieram de toda parte para imobilizá-lo. Ele se aquietou, lembrou de Guilherme e entendeu. Olhou para o jaleco mais próximo e perguntou: “Estou tetra ou paraplégico?”.

Era dia 31 de agosto de 2007. Horas antes, Bruno jogou tênis com o pai, Eudo, como faziam toda quinta-feira. A partida acabou às 22h30. Bruno estava muito cansado, pediu para dormir no banco de trás. Eudo voltou dirigindo, desta vez, sem o companheiro de conversa. O sono de Bruno foi interrompido quando o carro bateu a 80km/h num muro de concreto, na pista que passa ao lado do Zoológico em direção ao Aeroporto Juscelino Kubitschek.

No banco da frente o airbag foi acionado. Eudo estava com o cinto de segurança. Teve duas costelas e um braço quebrado.

Bruno, que estava no banco traseiro e sem proteção, teve o efeito “chicote” na coluna, quando ocorre um movimento brusco em duas direções opostas.

Eudo acordou no Hospital de Base. Tentava entender o que acontecera com o filho, que adormecia na maca ao lado. Parecia bem, sem machucados. Um médico apareceu com uma radiografia. “Preciso falar uma coisa chata”, disse o doutor. Quando Eudo pôs a lâmina contra a luz, pode ver a coluna cervical do filho completamente cortada. Percebeu que Bruno estava tetraplégico.

O pai ficou calado, não contou a ninguém. Só conseguia pensar que tinha acabado com a vida do filho. Nancy, mãe de Bruno, ainda não suspeitava de nada. Achou que o filho estava bem, tirando as dores de cabeça que Bruno relatava no momento.

A mãe só descobriu a lesão do filho quando Bruno já estava na UTI do Hospital Santa Luzia, quando o médico que o operou pediu para conversar com ela e disse:

— Ele está tetraplégico, vai ficar tetraplégico, e nada

vai mudar isso.

Nancy não esperava, repete até hoje que o médico foi insensível no momento. “Não se dá uma notícia para uma mãe desse jeito”, desabafa. Encostou-se à parede, mas as pernas bambearam. Teve medo que alguém visse o momento de fraqueza, inevitável. Fez o que se tornaria rotina nos próximos dias quando a dor apertava. Foi ao banheiro do hospital e chorou. Durante todo o tratamento, ninguém da família a viu chorando. Desabafava sempre sozinha. Não queria ser mais um motivo de preocupação.

Ao voltar para a UTI, Nancy era a mãe forte, que impressionou até a equipe médica, tão acostumada a tratar casos graves com a indiferença que a rotina traz. Quando Bruno tinha alguma parada cardíaca ou a pressão abaixava fora dos padrões, as máquinas apitavam, sinfonia do mau agouro. Ela assistia a tudo sentada na cadeira. “Vai dar tudo certo”, repetia, enquanto a equipe médica se desesperava em torno do menino para trazê-lo de volta à vida.

Bruno mantém as mesmas vaidades – gel no cabelo e perfume – anteriores ao acidente. “Só depois de dois anos voltei a entender que ainda era atraente”



Insônia

Para a família de Guilherme, falar do acidente é assunto natural, que ganha ares de heroísmo por tudo ter acabado bem. No lado de Bruno, tocar no assunto do acidente é reviver uma ferida que ninguém está disposto a sentir de novo. Ainda mais quando se leva em conta que o acidente poderia ter sido evitado.

Eudo sofre de narcolepsia, a doença do sono, em níveis avançados. Já dormiu em pé enquanto brindava nas festas de família e adormeceu conversando com amigos. Era alertado para o risco de os apagões acontecerem enquanto ele dirigia. Na vez em que procurou um médico, ouviu ainda no consultório sobre a gravidade do problema. “Se eu

fosse você, pegaria um táxi para voltar”, disse o doutor. Eudo não gostou do diagnóstico. Nunca mais procurou tratamento e sofre até hoje com a doença.

Nos primeiros dias após o acidente, Eudo se atormentava. “Só pensava como as coisas seriam no futuro, se o Bruno iria me culpar”, lembra o pai. “Mas ele foi sensacional. Só dizia: fica tranquilo, eu não vou parar. Vamos juntos para frente.” A postura positiva de Bruno foi essencial para a recuperação do pai. “Eu poderia ter feito uma besteira, perdido o rumo”, afirma Eudo.

Para que as memórias ruins fiquem no passado, tudo que Eudo quer é que vejam Bruno como um garoto qualquer. “Já cansei desse papo de ‘superação’.

Família e amigos o tratam de maneira perfeita. Fazem piadas com o cabelo dele, xingam, assistem ao futebol. Ele é um menino como qualquer outro”, decreta Eudo.

Mesmo assim, o pai parece ter um cuidado especial com Bruno. Em todo canto da casa que o filho vai, Eudo o acompanha com o olhar por cima dos óculos. “Ó, o pai fez uma adaptação para a sua cadeira, Bruninho. Vai ficar melhor para você jogar”, mostrou Eudo após um almoço, orgulhoso da engenhoca que ele fez no quintal, que fixava melhor a roda da cadeira que teimava em deslizar nas partidas decisivas. “Mas sempre foi isso aí. Filho caçula, o único que ainda mora debaixo do nosso teto...”, diz Nancy, justificando as regalias.

Da esquerda para a direita: Bruno, a irmã Tatiana (com a filha Manuela no colo), a mãe, Nancy, e Eudo, o pai. “Vou viver mil vidas e não terei como agradecer tudo que minha família fez por mim”, diz Bruno



Medalhas Logo após o acidente, aceitar a condição de cadeirante é o maior desafio para um tetraplégico. “Quem diz que entende de primeira está mentindo. A revolta sempre acontece”, explica Bruno. A diferença é o tempo que cada pessoa leva para aceitar a nova vida. Daí a importância de Guilherme na recuperação do amigo. Como passou pelos mesmos problemas dez meses antes, virou uma espécie de mentor de Bruno.

Como foram tratados no mesmo hospital, o Santa Luzia, Guilherme não era barrado na UTI, mesmo fora dos horários de visita. A presença de Guilherme foi essencial para a recuperação do amigo. “É fácil se perder, pensar que vai passar a vida inteira em cima de

uma cama. Mas ele chegava falando maravilhas, que a vida dele era ótima, que conseguia fazer de tudo”, lembra Bruno. “Ele foi um espelho. Sempre que fazia alguma coisa, eu buscava força para fazer igual. Eu não estaria onde estou se não fosse o Gui”, completou.

Foi Guilherme quem insistiu para que o colega o acompanhasse nos treinos de tênis de mesa. A partir daí, a recuperação foi vertiginosa. O esporte foi fundamental para elevar a autoestima de Bruno. Um ano depois, ambos estavam na seleção brasileira da modalidade. “Se não fosse o tênis de mesa, eu nem quero imaginar como estaria a minha cabeça. E foi o Gui quem me mostrou o caminho”, recorda Bruno. “Mas não deixo de agradecer minha

família de jeito algum, eles foram as principais peças da minha recuperação”, completa Bruno, corrigindo qualquer injustiça.

Aos 22 anos, eles estão entre os vinte melhores do mundo. Guilherme é o campeão sul e pan-americano. Bruno é bronze nos jogos Para-sulamericano de 2014 e venceu o Aberto dos Estados Unidos, um dos torneios mais importantes do circuito. Ambos estão classificados para disputar o torneio mais importante da modalidade, o Campeonato Mundial, que será na China, em outubro deste ano. Já viajaram 15 países em competições e ganham bolsas de patrocínio que chegam a R\$ 10 mil mensais. São grande esperança de medalha nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.



Guilherme incentivou Bruno a realizar tudo que fazia antes do acidente, inclusive idas a bares, com cerveja e paquera. “Vi que a cadeira de rodas não era problema. Ele salvou minha vida, me mostrou o caminho”, elogia Bruno.

Até mais

Bruno mostra para Guilherme a piscina que está construindo no quintal de casa. São três pisos diferentes. Nos dois primeiros, os cadeirantes poderão ficar dentro da água, sendo apenas o último com mais profundidade. Já planejam as festas futuras no local. “Eu que paguei”, diz Bruno, orgulhoso do investimento.

Na beira do buraco ainda vazio, Guilherme escutou uma enxurrada de elogios vindos do amigo, e não escondeu o sorriso no canto da boca. “Eu me aproximei muito do Bruno depois do acidente. Eu passei pelas mesmas

coisas. Ele me deu força também. Se eu desistisse, que imagem iria passar para ele?”.

O telefone de Guilherme toca. Era a namorada.

— Tenho que buscar a mulher agora, a gente vai sair para jantar.

— Vai lá, veado — diz Bruno, o palavrão apenas mais uma prova de amizade.

Na despedida, as mãos apenas se encostam. Como nenhum dos dois têm movimentos finos, não há um aperto de mãos firme. Quando Guilherme já entrara na casa, peço para Bruno resumir a importância do amigo durante toda a recuperação. Ele bate a mão algumas vezes

na perna, abaixa os olhos. Quando o silêncio parecia ser a resposta, ele solta. “Para um tetraplégico, o simples não existe. A diferença do Gui é essa. Ele faz tudo parecer simples.”

Quando a noite ameaça os primeiros filetes escuros no céu, o frio aparece. Nancy surge para ajudar Bruno a subir a rampa de acesso à casa. O filho tira a mão de Nancy da cadeira de rodas.

— Sai, mãe, deixa eu tentar sozinho.

— Para de ser teimoso — responde a mãe.

Ela sorri. Sabe que a evolução no tratamento de Bruno está nas pequenas teimosias diárias.

Ligação terminada

Em fevereiro de 2014, almocei na casa de Guilherme. Carla, a mãe, me perguntou se eu não conseguiria o telefone do homem que atropelara o filho. Repetidas vezes Guilherme já tinha confessado o desejo de reencontrar quem causou o acidente, para dizer que estava tudo bem e que tudo eram águas passadas.

No final de março, descobri que o rapaz se chamava Ednaldo e entreguei o nome a Guilherme. Seis dias depois, ele me retorna. A voz, sempre rouca por causa dos pinos que colocou na garganta na UTI, também está triste. Diz que conversou com o rapaz, mas que ouviu que ele se precipitou na frente do carro, e que não apareceu no hospital para

visitá-lo pois fora ameaçado de morte por Coaracy.

Pergunto se ele ainda mantém o sonho de encontrar quem o atropelou.

— Acho melhor deixar essa história para lá. Vou revirar um passado que eu não quero viver.

No fim, as histórias se cruzam. O pai do homem que causou o acidente de Guilherme também foi atropelado, no final de 2013.





VÍTIMAS de KONY



Também conhecido como Senhor da Guerra, Joseph Kony está na lista dos dez mais procurados do mundo pela Corte Penal Internacional. A Milícia de Kony, LRA, conhecida como Exército de Resistência do Senhor, é responsável por mutilações e sequestro de crianças subjugadas como soldados e escravas sexuais. **Campus Repórter** foi até o norte da Uganda entrevistar quem viveu essa realidade, como o jovem Oola Samuel, ao lado.

Texto e fotos | **Jéssica Paula**
Diagramação e arte | **Thaísa Oliveira**
Julieta Zundl





Ele solta um riso contido quando lembra do dia em que caçou um elefante e mal pôde comer a carne. É a reminiscência dos nove meses que Oola Samuel Layibi, hoje com 18 anos, passou enclausurado no labirinto verde sob poder do Exército de Resistência do Senhor. Aos 7 anos, Oola tornou-se mais um dos 4.894 sequestrados pela milícia de Joseph Kony, segundo dados da Organização não Governamental Invisible Children.

Foi no ano de 2003, Oola Samuel morava no vilarejo de Oding recostado à cidade de Gulu, no norte de Uganda. Vivia com a família. A vizinhança já estava sob aviso. Avistaram pelas redondezas os rebeldes do LRA, Exército de Resistência do Senhor, alguns dias antes. Não é difícil de reconhecê-los. São homens da floresta. Não cortam o cabelo, andam de farda verde escura, barba grande, sujos. Quando escutou os tiros no alto, a avó dos meninos, Dona Acan, tratou logo de mandar o mais velho sumir dali. O menino tinha 12 anos de idade e com certeza não escaparia de se tornar um soldado do LRA. Enquanto isso, Oola, de 7 anos, aguentaria a tensão junto

aos primos pequenos, o pai e os avós. A mãe teve a morte adiantada pelo HIV.

Quando os rebeldes chegaram, o menino Eric Odong obedeceu ao grito instantâneo da avó e correu para os fundos. Se escondeu de modo que não ficasse tão distante. “Eu me senti um inválido. Estava lá, simplesmente escondido. Eu era o único que podia e não podia fazer nada ao mesmo tempo”, conta Eric Odong. Agachado em meio aos tufo

de mato, no escuro que vinha chegando com o anoitecer, ele se agonizou ao ouvir a gritaria. “Barulho das galinhas, dos cachorros e das coisas quebrando e caindo. Minha avó gritava, meu pai também e ouvi grito dos rebeldes. E o que eu podia fazer?”. Odong escutou um tiro. Cogitou voltar até a cabana para ver o que acontecia. De nada adiantaria, afinal era só um menino de 12 anos. O tiro o preocupava, os ruídos pareceram ficar distantes, Odong queria estar





Odong Eric mostra o local em que se escondeu, aos 12 anos, do ataque do LRA

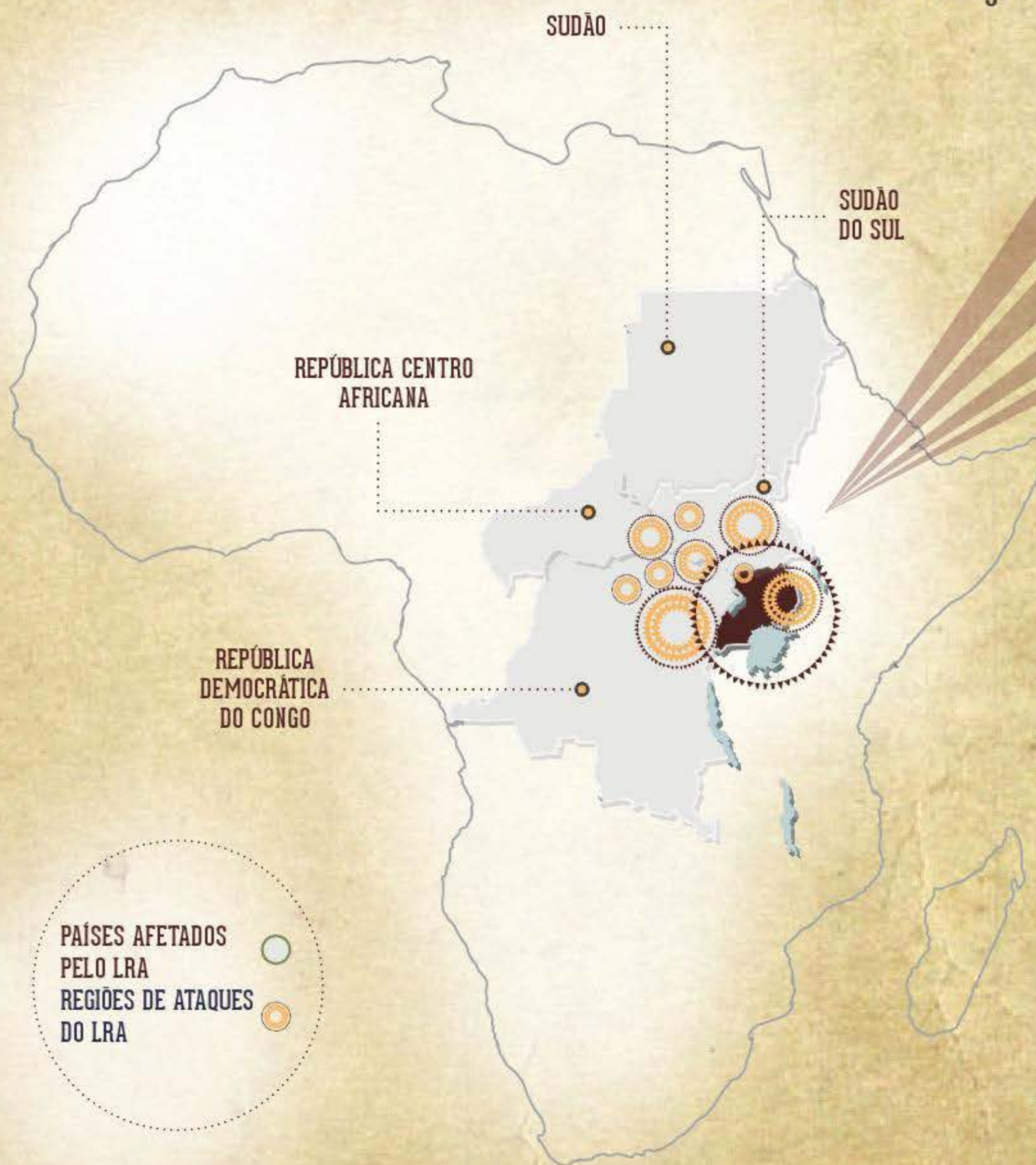
lá. O barulho foi diminuindo. As galinhas ainda cacarejavam, mas pareciam se afastar.

Contou dois minutos que pareceram duas horas. E andou, pé ante pé para que, se ainda houvesse qualquer inimigo, não o percebessem. Com o mínimo de barulho ao ultrapassar as folhas do matagal, Odong chegou até a cabana. Encontrou a avó debruçada diante de um corpo, era o pai dele. Não foi surpresa. Aconteceu com vizinhos e com amigos próx-

AS MARCAS DA ÁFRICA



O Exército de Resistência do Senhor [LRA] - *Lord's Resistance Army* - está espalhado pelo norte de Uganda, República Centro Africana, Sudão, Sudão do Sul e República Democrática do Congo



UGANDA



GULU

KAMPALA

imos. Acontece desde que Odong entende desse mundo. O pai acabara de ser assassinado pelo Exército de Resistência do Senhor, e o irmão mais jovem, Oola, fora levado pela guerrilha, junto com toda a criação de animais. Oola estava sob poder dos rebeldes, e pagaria com a vida se não os seguisse mata adentro. É ritual. Se parareWWe cozinhar. “Quando os grandes estavam dispostos caçávamos até elefantes. A carne era gostosa, mas a comida para as crianças era nada. Passávamos fome. A gente precisava cozinhar e esperar eles comerem para comer depois, mas eles nunca esperavam, e tínhamos que arrumar tudo pra sair andando de novo”, conta Oola. E aí de quem ousasse comer. “Se eles te pegam comendo, mesmo uma fruta, no meio do caminho, eles te matam”.

Um dia, no sul do Sudão do Sul, o LRA entrou em disputa com

o exército de Uganda, o UPDF. Na batalha, Oola conseguiu se esconder, e foi encontrado por um soldado ugandense, que o levou de volta para a casa, no vilarejo de Oding. Hoje, é Oola quem cuida da lavoura da família. O trabalho foi o que lhe restou como herança do pai e do avô que já não pode mais andar, desde que pisou em falso enquanto trabalhava na lavoura. Sem cuidados médicos, e já em época de velhice, o pai passa o dia sentado em uma cadeira feita de bambus.

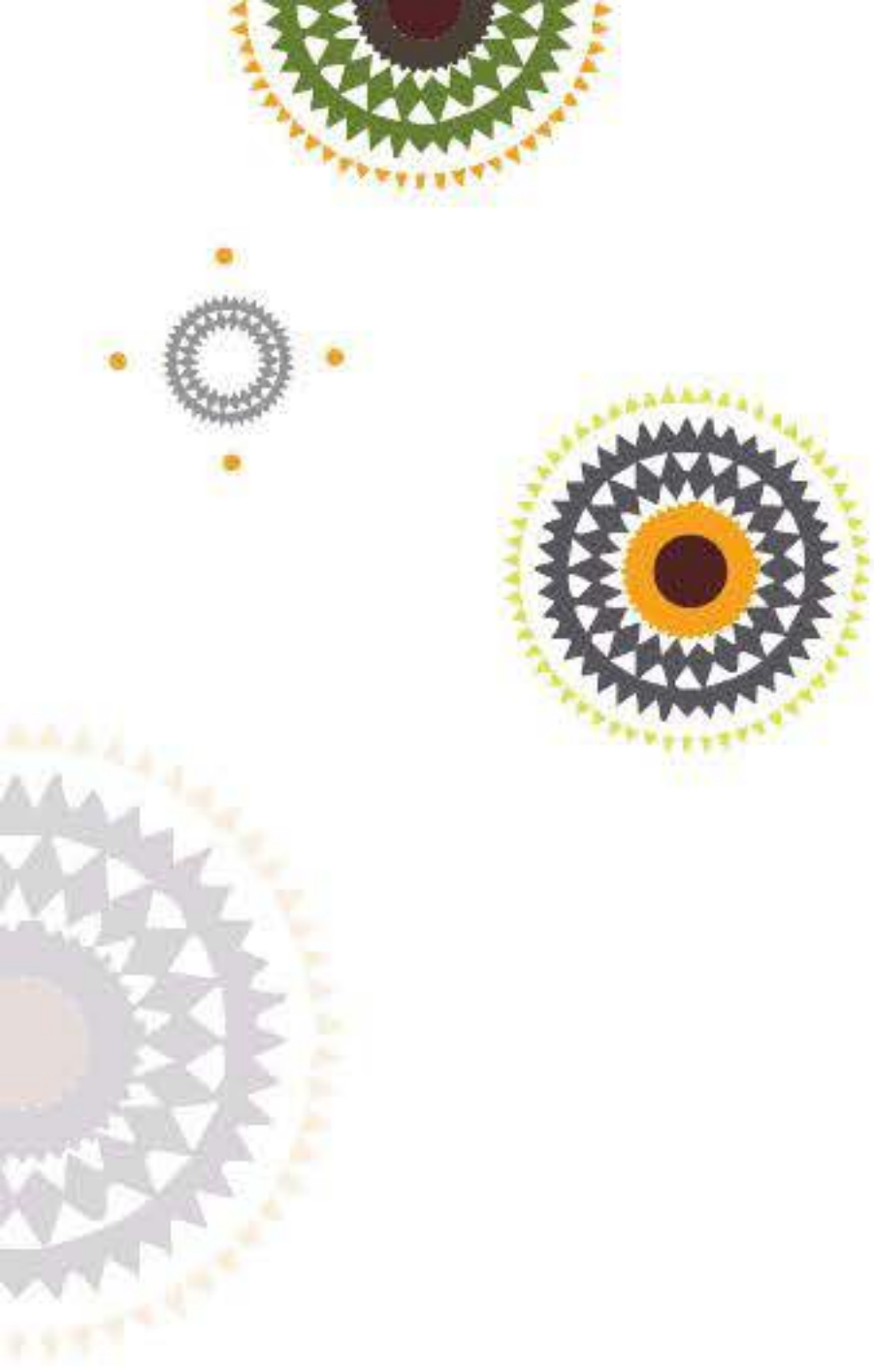
É Oola quem cuida dos amen-doins, da mandioca e do milho, que são pequenos, mas dá o que comer para a família e ainda rende troca com os vilarejos vizinhos. Às vezes eles conseguem vender um bocado da produção para os que moram em Gulu, cidade mais próxima, e aí dá para comprar remédio, carne de vaca e as outras coisas que não podem ser fabricadas no quintal de casa.

O irmão Odong é recepcionista “faz tudo” de um hotel barato do centro da cidade de Gulu e

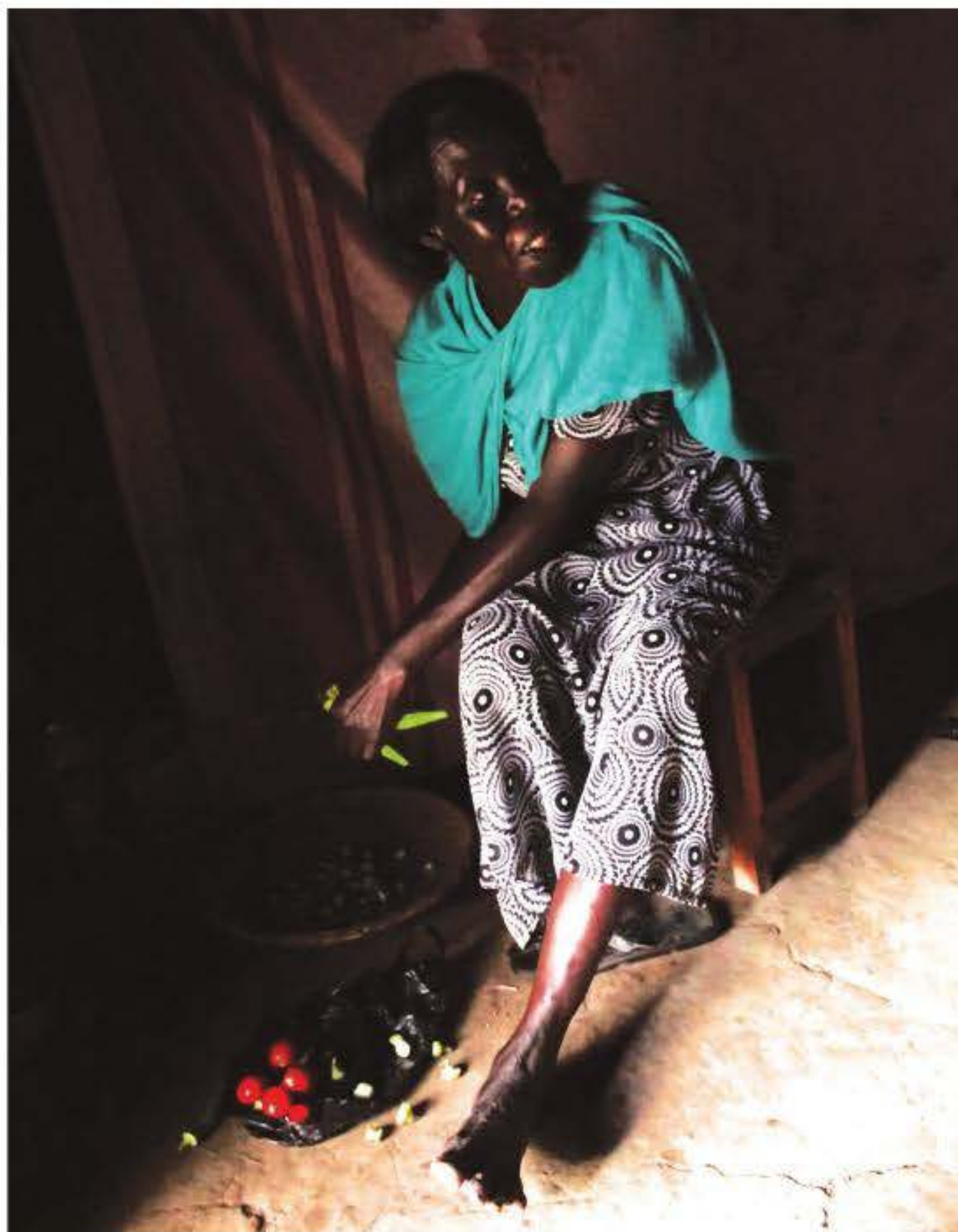
vive com oito dólares ao mês. O sonho dos dois meninos é estudar. Mas em Uganda, escola pública tem de ser paga. É preciso custear materiais, uniformes e sapatos específicos, além de uma taxa irracional de dois dólares ao dia. Em média, estudar em uma escola primária sai de 50 a 150 dólares ao mês. Fortuna para os bolsos rasgados de Oola. Aos poucos algumas instituições estão se normalizando de acordo com novas leis que permitem que o ensino fundamental seja gratuito. Mas Oola tem mais o que fazer do que se enfiar em livros. Afinal, precisa passar o dia na lavoura para garantir o sustento da casa.

O grupo do qual Oola fez parte não contava com a presença física de Kony, nem por isso pegavam mais leve. E nem por isso, ele se queixa, “É o destino de Deus. Acho que ninguém mais pode parar eles. Talvez Deus”.

O LRA fica dividido em grupos, espalhados por diferentes acampamentos no meio da selva. Eles se espalham pelo norte de Uganda, mas também vão para Sudão do Sul, Sudão, República Democrática do Congo e República Centro Africana. Atualmente, o governo ugandense afirma que Kony está em algum lugar entre o norte da República Centro Africana e o Sudão.



Alice Adong,
ex-enfermeira de
Kony, lava roupas
e faz cabanas para
sustentar a família



De onde veio

No ano de 1980 a médium e ex-prostituta, Alice Auma recebeu um chamado do “além” para criar o Movimento do Espírito Santo, com missão de defender o povo Acholi, do norte de Uganda. Depois de seis anos se organizando, ela reuniu forças e criou o exército Lakwena, que, no dialeto Luo, significa mensageiros. Alice e o grupo rebelde travou batalhas contra o governo ugandense pelo controle dos estados do norte do país. Em 1986 a guerrilha foi derrubada e a líder, que passou a ser chamada de Alice Lakwena, fugiu.

De atitudes extremistas, Joseph Kony sonha construir um governo teocrático sob os dez

mandamentos bíblicos. Inspirado pelo Movimento de Alice Lakwena, em 1987 ele se tornou líder do grupo rebelde LRA. A guerrilha cresceu e foi dividida em grupos para que pudesse ampliar o poder.

Nascido em um vilarejo próximo a cidade de Gulu, no norte de Uganda, Kony também faz parte do povo Acholi. A ex-enfermeira de Kony, Alice Adong, diz que Kony recebe “ordens do Senhor” para atacar. Conta-se que antes de ir para qualquer batalha, Kony faz o sinal da cruz no peito e na metralhadora. Ele lutaria para defender seu povo. Mas algo deu errado, os Acholi não concordaram com a luta armada. E Kony sus-

tenta que, por isso, “tem o ‘direito divino’ de lutar contra seu próprio povo para alcançar seu objetivo. Já que eles não respeitaram a vontade do Senhor”, conta Alice.

Kony transformou a cidade de Gulu, Uganda, 16 quilômetros de Oding. Lá, não há quem não faça cara de agonia quando ouve seu nome. Essa foi a região mais atingida. Milhares de pessoas foram sequestradas para trabalhar na milícia. Crianças se tornaram aprendizes de matadores, cozinheiros e escravos sexuais. Homens se tornariam soldados sanguinários. E aquela cidade, um cenário de filme de terror. Mas há quem defenda Kony. Alice Adong

foi enfermeira pessoal do “senhor da guerra”, e conta que “Kony tinha momentos. Às vezes estava bem, sorrindo e fazendo piadas com todos. De repente parecia outro homem, se irritava e mudava de opinião em segundos, mas eu adoro ele. Gosto muito mesmo. Aprendi com ele tudo o que sei.” Alice diz não ter medo, nem terror, nem trauma de Joseph Kony; diz ter gratidão.

Foi pega junto a dezenas de meninas, em agosto de 1987, cada uma destinada a um comandante rebelde. Eles podem escolher. “Kat woko! Kat Woko!”, “Saia! Saia!” Alice acordou aos gritos de um soldado chutando a porta de sua casa às 3h da manhã. Atordoada pelo susto, enquanto tentava se por de pé, era puxada por um dos rebeldes. Ela e a irmã mais nova. Do lado de fora da cabana, havia uma fila de moças. “Não entendi o que estava acontecendo. Conhecia todas as meninas, mandaram a gente para a mesma direção. Eu só segui.” Enquanto alguns soldados organizam a fila que não para de crescer, outros entram nas cabanas, chutam portas, atiram para o alto, e enchem as mochilas de comida, panelas, roupas e o que mais lhes possa servir.

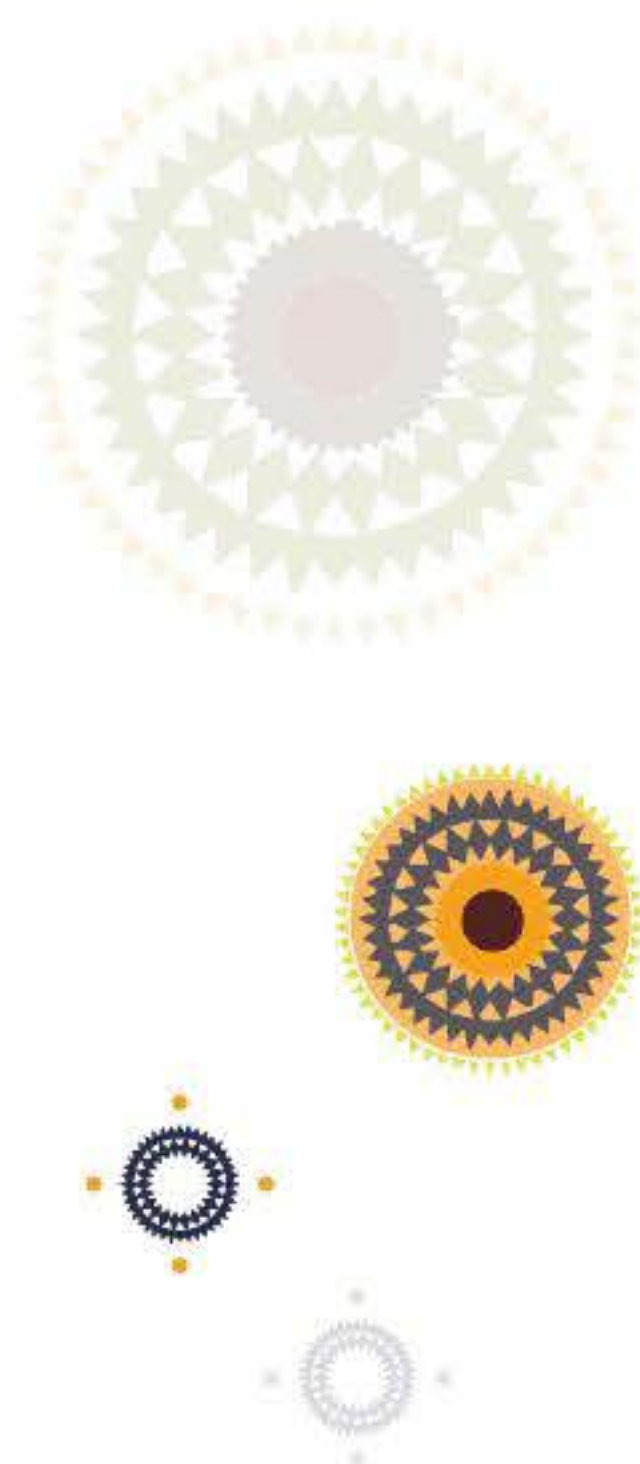
Com exceção dos rompantes dos soldados ordenando que o grupo andasse mais depressa, a jornada foi silenciosa até o amanhecer. Alice conta que, nessa noite, Kony havia dado uma ordem especial aos comandantes. Para que eles sossegassem da vida noturna nas vilas e da prostituição, cada um teria o direito a uma esposa. Presente do chefe. Assim que chegaram a um acampamento mais seguro e oculto pelos morros e árvores corpulentas, Alice, sua irmã e as dezenas de outras meninas que lhes faziam companhia,

foram distribuídas entre os rebeldes. No primeiro acampamento, Alice encontrou a enfermeira do grupo, a senhora Molly Laker. Molly estava acostumada a tratar as piores feridas e as doenças mais misteriosas que já ouviram falar. O número de infecções aumentava. Soldados morriam de uma hora para outra, sem motivo aparente. Dias de febre e de repente, morte. Com a presença de mulheres no meio do mato, tudo piorou. Crianças nasciam mortas, partos eram feitos sem qualquer proteção. Era demais para Molly.

Alice era a mais velha do grupo. Tinha 30 anos de idade e, por isso, foi obrigada a se tornar assistente de Molly. Aprendeu a curar febre terçã à base de ervas. Ajudou a criar meninos e meninas que insistiam em nascer no mato.

“Até o ano de 1995 ninguém tinha noção do que era vírus HIV”, Alice conta. Aids matava dezenas de soldados e ninguém sabia o que era. Kony pedia aos comandantes que parassem de sequestrar pessoas. Já haviam mais gente do que os campos podiam suportar, “mas muitos faziam questão de ignorá-lo”, ela diz.

Um dia Molly decidiu escapar junto a outros dois soldados. Tinha um plano de fuga. E deu certo. A partir de então Alice era a “doutora” dos campos. Era respeitada. Sabia mais do que qualquer um ali. “Era sempre, ‘a doutora disse’, ‘a doutora mandou’, mas muitas pessoas morreram por diagnósticos errados”. Alice prefere carregar a penitência por si só. Mas sabe que não havia alternativa. “Cheguei a usar caco de vidro que encontrei na terra para cortar o cordão umbilical na hora do parto”. Com as mãos nuas e com ferramentas inadequadas, Alice chegava a ponto de tratar solda-



dos apenas com lamas e galhos de plantas medicinais. Aprendeu de um tudo. Tanto se adaptou que não enxergava outra vida fora da reclusão. Kony parava por horas para explicar a ela o poder de cada planta. Ou mesmo falar sobre Deus, e até sobre família.

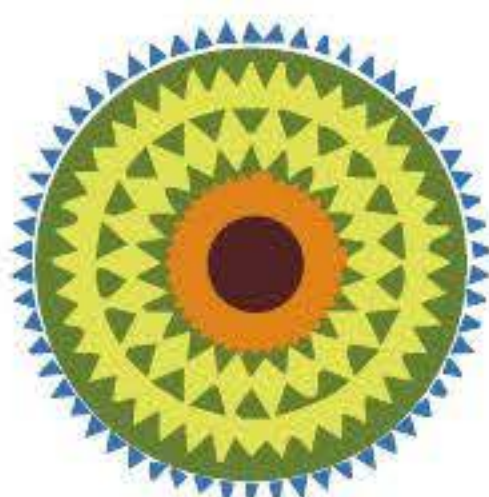
Mas ao comandante marido de Alice, essas aulas grátis tinham outra conotação. Ele não suportou ver que sua mulher era a queridinha do “Deus da guerra”, e fez com que ela mesma pagasse pela insolência. Mandou que dois soldados a estupassem. “Enquanto um fazia, outro me dava pauladas”. Com um cano, ela apanhou 150 vezes enquanto era estuprada. O marido acusou Alice de infidelidade na frente de todo o acampamento e casou-se com outra mulher. “Depois disso, percebi que não podia continuar ali, mesmo amando salvar vidas na floresta.” E daquele dia em diante, não houve uma única noite que ela não sonhasse com a fuga.

“Eu orava todos os dias. Pedia a Deus para que me abrisse uma única porta. E a sorte veio”. Seis anos se passaram e uma das esposas de Kony, chamada Adokorach, adoeceu. O chefe, então, pediu para que Alice a levasse para um hospital em Juba, capital do Sudão do Sul. O caso parecia grave. No mesmo dia, o campo onde a guerrilha acampava por aqueles dias foi atacado pelas tropas do UPDF. Alice levou Adokorach para o hospital e aproveitou que a milícia estaria ocupada com o ataque para pedir socorro ao governo sudanês. Era liberdade escancarada. Alice ainda passou dois dias

acompanhando a esposa de Kony internada, até que ela melhorasse. Depois, as duas foram encaminhadas para Gulu, com apoio da Anistia Internacional.

Alice recebeu um certificado de reconhecimento do governo de Uganda por seu trabalho de salvar vidas. E só. Foram 15 anos sob a selva. Esperava encontrar o restante da família. Mas o medo que lhe acompanhou por todos esses anos tornou-se real. Seus pais foram mortos no dia em que ela foi levada. “Sequer tive o direito de velar o corpo”, lamenta.

Na cabana de dois cômodos, vivem Alice e os dois filhos. De tanto fazer parto, foi sua gratificação. Não precisou dar à luz para tornar-se mãe. Um menino é filho de sua irmã, que conseguiu escapar durante o mesmo ataque, mas morreu após o parto. O outro menino é filho de uma ex-colega de cativeiro, que morreu em um acampamento do LRA. Como certificado de governo ugandês não dá salário nem emprego, quando afortunada Alice consegue ganhar 15 ou 20 dólares ao mês, para comprar comida e pagar o aluguel. Mas Alice não quer depender dos outros. Todos os dias sai bem cedo para lavar roupa de quem possa precisar. Não importa a quantidade, Alice cobra de 2 a 4 dólares, conforme a pessoa possa pagar. De quando em vez, consegue bicos rebocando com argila as paredes de novas cabanas construídas em Gulu. Pode parecer estranho, mas, naquela realidade, viver imerso às grandes copas das árvores, escoltado por fuzis, pode parecer mais seguro para alguns do que andar à solta pela cidade. Alice afirma que a ex-mulher de Kony, por exemplo, vive em Campala e não pode nem chegar perto do norte da Uganda, tamanha seria a revolta contra ela.



KONY

ESTÁ NA LISTA DOS **10**
MAIS PROCURADOS
DO MUNDO PELA CORTE
PENAL INTERNACIONAL

US\$5 MILHÕES É A
RECOMPENSA
OFERECIDA PELOS **EUA**
PARA QUEM TIVER
INFORMAÇÕES QUE LEVEM À
CONDENAÇÃO DOS
MEMBROS DA **LRA**

DESDE 2008 A ORGANIZAÇÃO
MATOU MAIS DE **2400** CIVIS,
SEQUESTROU MAIS DE **3400**
OUTROS E DESLOCOU MAIS
DE **400 MIL** PESSOAS

FONTE: HUMAN RIGHTS WATCH

Ex-soldado de Kony

“O LRA é autoridade, mas depois que você sai dali, você é como todos os outros, só que pior”, diz Oyenga Noah, ex-soldado de Kony. Oyenga deixou a mulher e dois filhos em Gulu, para ser recruta do LRA. Sequer reivindicou o direito de ficar com sua família. Mas quem foi que disse que há opção? Oyenga já não era tão jovem e tinha responsabilidade nesse mundo. Ouvia-se dizer que a milícia seria o próximo governo de Uganda e de toda aquela região.

Com o tempo seguindo a mesma rotina nômade que se segue dentro dos acampamentos do LRA, Oyenga tinha certeza de que nunca mais veria a esposa. E como não havia para onde correr, decidiu casar-se com outra mulher, que também foi sequestrada pelo grupo. O discurso de Kony e seus comandantes é convincente. E assim como os outros soldados, Oyenga tirava forças sabe-se lá de onde para lutar em combate, afirma. Foram inúmeras batalhas contra o UPDF. Em uma delas no ano de 1995, Oyenga mirava um soldado inimigo quando sentiu sua perna direita estremecer. A cor avermelhada de sangue encharcou sua calça.

O tiro que lhe atingiu, o deixou imobilizado. Galhos e ervas bem presos ao joelho fizeram a contenção e em poucos dias “já estava curado”, como ele mesmo diz. Em seu grupo havia uma enfermeira, que não era Alice Adong, mas segundo Oyenga era muito prestativa. Dois anos depois, houve uma emboscada do exército ugandense, e novamente a perna direita. Um outro tiro. Mais semanas de passos mancos, persistindo em seguir as tropas. Convertendo

galhos em muletas, Oyenga resistia às longas caminhadas. Um ano depois, em 1998, eles chegaram ao acampamento no sul do Sudão. Ali, em uma disputa com o SPLA (Exército Popular de Libertação do Sudão), milícia que dominava a região, Oyenga foi atingido por uma bala em seu braço esquerdo.

Quatro anos depois, já em século XXI, outra batalha contra o UPDF, também dentro do território sudanês, superou as expectativas dos otimistas. Oyenga sobreviveu a uma bala na nuca. “Foi a natureza que me salvou. Foi Deus”, ele justifica. Curativos feitos à base de ervas era tudo o que ele tinha acesso para se medicar. Ao passar por algum vilarejo, eles saqueavam farmácias e obtinham remédios para dores e inflamações. Era o tratamento. Logo em seguida, no ano de 2003, outra disputa com o UPDF. Um tiro no braço direito. E em 2004, de novo um tiro no mesmo braço.

Oyenga vivia com seis balas cravadas em seu corpo. Sentia-se debilitado. E, acima de tudo, desiludido. As atividades do LRA cada vez mais se concentravam em vandalismo. “Percebi que nós nunca iríamos conquistar o poder daquela maneira.” Os grupos ficam dispersos em diferentes acampamentos, como proteção e como uma tentativa desorganizada de dominar mais territórios do que o poder da guerrilha é realmente capaz de alcançar. Oyenga decidiu fugir. Abandonaria novamente uma mulher e dois meninos pequenos. Estava tudo pronto em 21 de janeiro de 2010. O grupo estava na República Democrática do Congo. O esquema tático se tratava nada mais nada menos do





Oyenga, ex-soldado de Kony, viveu na selva com sete balas alojadas

que esperar o escurecer e, quando todos estivessem dormindo, ele partiria sorrateiro.

Oyenga conhecia bem o que poderia acontecer a ele, caso falhasse. E falhou. Ouviram a saída. Os soldados que, até então, eram companheiros, agora atiravam contra. Oyenga foi atingido nas costas. Esse seria o último, disso ele tinha certeza. A fígada que, por mais que já tenha sentido outras seis vezes em sua vida, parecia ser a primeira. O sangue lhe escorria pelas costas.

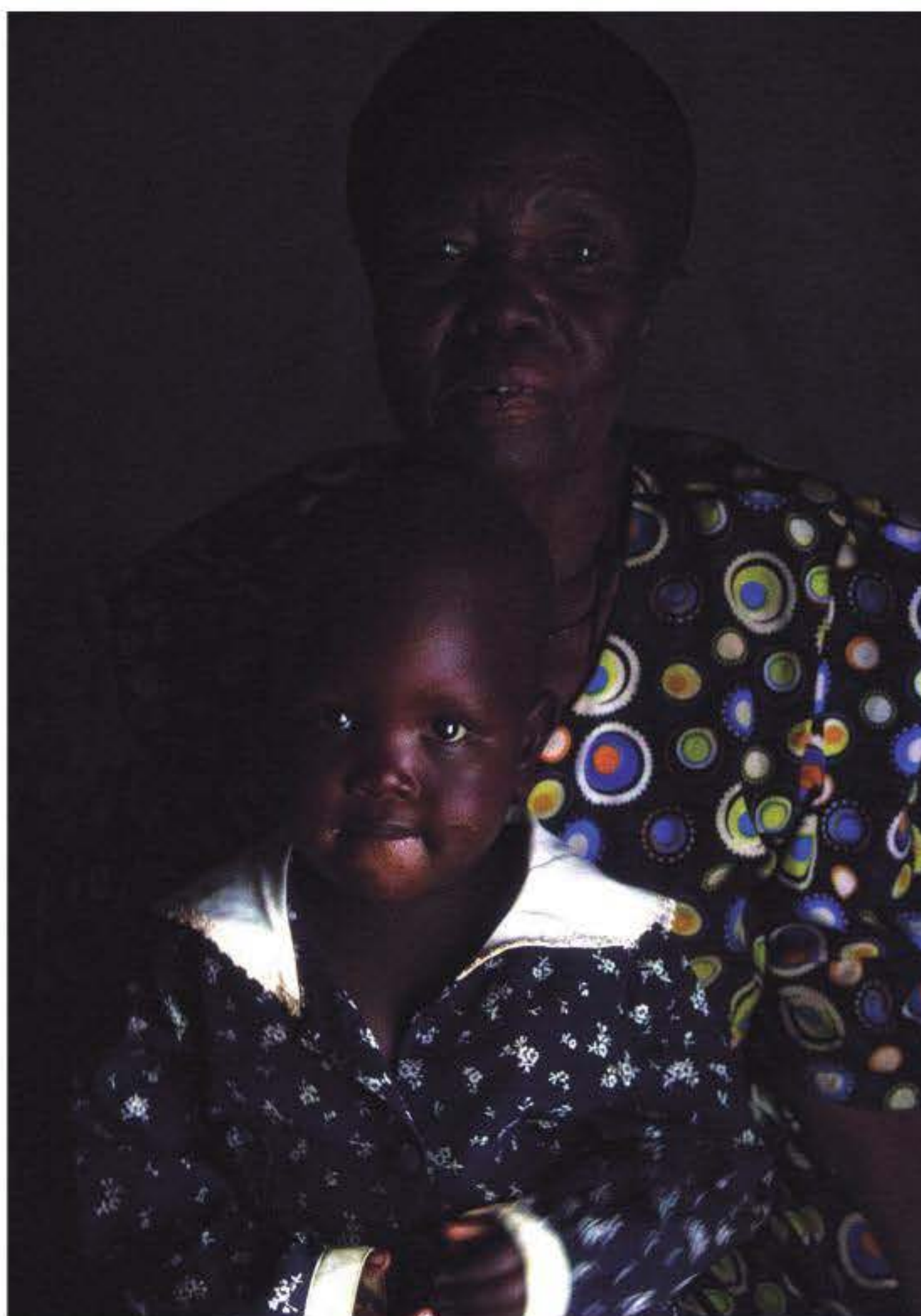
Rasgou a camiseta que ficava por baixo da farda e arquitetou uma tipóia. Com outra parte do tecido, ele fez a contenção para o sangue parar. Agora, a comandante seria a maior floresta do continente africano. Durante 60 dias. Deitava-se de costas nas águas geladas dos rios para lavar

a ferida. Alimentou-se de manga, mel e sementes enquanto esteve subjugado ao labirinto da grande mata. Dois meses refém da imensidão da floresta. Sozinho.

Não houve um único dia que Oyenga descansasse. Na 59ª manhã ele subiu na copa de uma grande árvore e avistou um vilarejo distante. Finalmente vida humana por detrás do deserto verde. Doaram-lhe comprimidos e chamaram o socorro do UPDF, que o levou para casa. No ano de 2010 Oyenga reconquistou a mulher que o esperava desde 1994 e vive com ela e os dois filhos deste casamento, na cidade de Gulu. Recebeu tratamento custeado pela Anistia Internacional e retirou seis das sete balas refugiadas em seu corpo. Uma ainda resiste no joelho. “Disseram que é muito profunda e teria que amputar a perna pra tirar”, explica.



Duas gerações de
um mesmo conflito:
Atara e uma
das netas



Mais cicatrizes

Atara Eveline é uma senhora de 70 anos. Dois filhos, dois netos e três bisnetos. E duas orelhas a menos. Sim, porque lhe foram arrancadas à faca, uma semana depois de as tropas do UPDF passarem a noite pelas redondezas de seu vilarejo, durante a caçada ao LRA.

Era novembro de 1992 e ela vivia num recanto chamado Laminadera, a 12 km da cidade de Gulu. Os rebeldes ousaram chegar às 8h da manhã. “Eles não têm para quê ter medo”, diz Atara. Não precisaram nem invadir a cabana. Estavam todos do lado de fora.

Atara agachada no quintal descascava mandioca para o almoço. Levantou-se depressa quando viu que eles chegaram. Só levantou. Ao projetar o primeiro passo para longe, bateram com a arma em no quadril dela. Ajoelhada no chão, um rebelde gritava: “O que você ouviu? Você recebeu eles aqui! Eu sei que você ouviu! Fala o que você sabe!”

E como Atara de nada sabia, bateram de novo no quadril dela, chutaram as costas, os joelhos, e com uma faca cortaram as duas orelhas. Atara desmaiou.

Acordou na cabana com um curandeiro banhando em ervas o rosto dela. O filho mais novo chorava em cima do mais velho que jazia no chão, sem vida.

Atara perdeu um filho e parte da audição. Nunca recebeu atendimento médico além de comprimidos para dor e muita, muita erva. Nunca mais caminhou da mesma maneira. Sente dor nas costas todos os dias. “Não sei nem o que pensar de Kony. Só agradeço porque ele não vem mais aqui”, diz ela. Quando recuperou a força nos joelhos e pôde caminhar, foi direto ao túmulo do filho. Hoje, Atara conta sem qualquer lágrima no rosto. É uma mulher firme. Os gestos não passam em branco. Tem traços fortes e mãos ligeiras. No cenário em que o “Deus da

guerra” deixou milhares de pessoas mutiladas, Atara é mais uma. Já a ex-enfermeira Alice Adong, ainda sonha em usar tudo o que aprendeu com Kony sobre medicina natural para curar doenças que os hospitais de Gulu cobram fortunas para remediar.

O jovem Odong quer estudar medicina, mas os 8 dólares que ganha por mês trabalhando em um pequeno hotel de Gulu são insuficientes para a faculdade que lhe custaria 800 dólares mensais. Oyenga, graças ao ensino fundamental que cursou antes mesmo de ser sequestrado, conseguiu emprego em um órgão do governo. Anda de camisa, calça e sapatos sociais. E Alice Lakwena, ex-prostituta e inspiração de Kony, morreu no ano de 2007, em exílio, no Quênia.



Jéssica Paula recém graduou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UnB. Durante 2 meses, percorreu mais de 7 mil quilômetros pela Etiópia, Sudão, Sudão do Sul e Uganda. O processo de apuração gerou esta reportagem, “Vítimas de Kony”, para Campus Repórter, e também um livro-reportagem intitulado “Estamos aqui”, Projeto Final TCC, FAC, UnB.
Foto | Odong Eric



DOSSIÊ

*Aryon
Rodrigues*

Linguista mundialmente reconhecido, Aryon Dall'Igna Rodrigues foi um dos responsáveis por ecoar a língua Tupi pelo Globo. Hoje, os estudos de Aryon se fazem presentes a cada esforço em prol da preservação e divulgação das culturas indígenas do Brasil. Vivo nas descobertas e pesquisas, o notável linguista indígena perpetua seu legado pela história.

Texto | Iasminny Thábata e Kelsiane Nunes

Fotos | Júlia Rangel

Ilustração | Eduardo Carvalho a partir da foto de Marcelo Camargo Carvalho

Diagramação e arte | Marília Ferreira



PERFIL

Aryon

De caderno e lápis nas pequenas mãos, passos certos ao encontro de imigrantes árabes e poloneses de uma Curitiba já esquecida. Aos dez anos, a criança preenchia as inúmeras linhas e páginas dos cadernos com palavras e frases em outras línguas, apenas para tentar se comunicar de formas diferentes da sua. Curioso, o pequeno descendente de italianos ainda não sabia, mas trilhava os passos iniciais que o levariam a ser o primeiro doutor em linguística do Brasil (formado pela Universität Hamburg, na Alemanha), amigo convidado de Darcy Ribeiro para sedimentar as estruturas da pós-graduação do que hoje se conhece como o ramo brasileiro do saber que estuda a linguagem humana, fundador do primeiro laboratório de estudos de línguas indígenas do país, marido, pai, amigo e mestre amado. Aryon Dall'Igna Rodrigues foi incansável estudioso que desbravou limites étnicos em uma época que não existia material disponível além dos antigos cadernos de anotação e a sensibilidade de saber que a cultura devia permanecer viva na memória das pessoas.

Como pesquisador, Aryon é reconhecido por ser o linguista que propôs a hipótese de identificação genética do tronco Tupi com outros dois grandes agrupamentos linguísticos: a família karib e macro-jê. O estudo em que Aryon defende este relacionamento genético entre famílias linguísticas foi publicado na década de 1950, segundo relata Beatriz Corrêa da Siva em sua tese de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade de Brasília. Em 2013, quando não teve mais forças físicas para continuar o trabalho por conta de uma insuficiência renal, Aryon deixou inacabada a revisão da antiga edição de Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas (Edições Loyola) - maior referência da linguística indígena do mundo. Aryon faleceu em Brasília aos 88 anos, em 24 de março de 2014, deixando não apenas os três filhos biológicos, Tiago, Berenice e Rodrigo, mas todo um Brasil tupiniquim órfão.

Nascido em Curitiba em 4 de julho de 1925, filho de Heitor de Paula Rodrigues e Anita Dall'Igna Rodrigues, com quatorze anos, Aryon escreveu o primeiro artigo no jornal da escola já sobre a língua tupi, incentivado pelo professor Rosário Farani Mansur Guérios, pioneiro dos estudos da área no Brasil. Mesmo com todo o talento, porém, era difícil fazer com que a família aceitasse a área de atuação do jovem pesquisador. A preocupação justificava-se: à época, não havia sequer faculdades que formassem estudiosos linguísticos no país e, por pouco, o Brasil não perdeu a maior autoridade internacional sobre línguas indígenas do país para o Direito. Aryon chegou a matricular-se no curso e a trabalhar em um escritório de advocacia, mas logo optou pelo estudo do curso de Letras Clássicas.

Como no Brasil o campo da linguística era incipiente, Aryon buscou a especialização na área fora do país, pela Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Durante quatro anos, dedicou-se à análise e descrição da língua Tupinambá. Sem as facilidades da tecnologia atual, o inseparável caderninho lhe servia para transcrever livros inteiros em letra miúda. Era assim que o professor estudava fora da biblioteca, pois não podia tirar os livros do local. Em 1959, voltou para o Brasil com a bagagem carregada: inúmeros manuais escritos à mão e o título inédito no país de Doutor em Linguística. Grego e latim aprendidos durante a graduação. Fluente em seis línguas indígenas do tronco Tupi e da família Tupi-Guarani, Aryon ainda falava alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, holandês, polonês, e conhecia sânscrito e outras línguas indígenas. Um levantamento feito pelo linguista e professor da Universidade de São Paulo Wilmar D'Angelis aponta que durante as mais de sete décadas de produção (as obras começaram a ser publicadas em 1942), Aryon lançou 110 publicações e reuniu acervo de mais de 20 mil livros e revistas sobre línguas e culturas indígenas. Três dezenas e meia dessas produções foram feitas depois que Aryon completou 75 anos, já aposentado do ensino de sala de aula.

Grande maioria desta obra é dedicada à cultura indígena. “Nos últimos anos, ele se dedicava totalmente ao índio. Ele queria a presença do índio na UnB, porque sabia que essa era a maneira mais forte de ajudar as línguas indígenas a não morrerem: ele entendia que os indígenas são os mais capazes de lutar para que sua língua e cultura não morram”, detalha a professora Ana Suelly Cabral, linguista da UnB, pupila e amiga de Aryon. Da hipótese de relação genética entre troncos linguísticos indígenas, a também ex-aluna, mestre e doutora em linguística Beatriz Carretta Corrêa-da-Siva explica que do ponto de vista da linguística a descoberta foi “extremamente importante”. Segundo a estudiosa, a linguística histórica no Brasil começou a se desenvolver com atraso - a partir da década de 1980, em relação à Europa, que já faz o mesmo tipo de estudo com as línguas europeias desde o século 19.

“O grande lance da hipótese do professor Aryon é que ele já tinha essa ideia muito antes da gente ter esse conhecimento em dados das diferentes línguas. Ele era um linguista extremamente intuitivo e tinha essa capacidade de entendimento também enorme, porque para você fazer esse tipo de proposta, você tem que ter conhecimento de um número incomensurável de línguas. Ele era, no Brasil, o único que tinha tamanho conhecimento”, declara Beatriz.

A tese de que a língua Tupi é tronco linguístico foi o trabalho que marcou definitivamente a carreira do pesquisador. Isso significa dizer que as línguas atuais que fazem parte desse tronco são aparentadas e que entre 8 e 10 mil anos atrás eram uma só e se dividiram com o tempo. “Saber disso é importante para a pré-história da América do Sul como um todo, mas principalmente brasileira, porque a maior parte dessas línguas são línguas amazônicas. Esse tipo de hipótese da linguística oferece uma luz para outras ciências também, para a antropologia, para a arqueologia, para a história”, assegura Beatriz.

E quando o assunto é a dedicação de Aryon, a impressão das pessoas que trabalhavam diariamente com o mestre era a de que ele queria andar contra o tempo.

Na última década, Aryon esteve envolvido em cinco projetos de pesquisa, publicou 19 artigos, 15 livros e deixou a revisão final de uma nova edição de Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas inacabada. A “bíblia verde” da linguística indígena nacional é um clássico da literatura brasileira, consagrando Aryon ao lado de outros grandes nomes como Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil), e Euclides da Cunha (Os Sertões).

A obra revisada deve ser terminada pelos ex-alunos de Aryon, no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (Lalli) fundado por ele em 1999, na Universidade de Brasília. O professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, Henryk Siewierski, afirma que a obra foi uma contribuição muito importante para os estudos na área. “Sua obra, Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas, foi considerada, no Brasil, um dos cem livros mais importantes do século 20”, afirma o professor.



Na nossa história isso é muito bonito. Na nossa história como indígenas que está lá na sua comunidade e chega em um lugar desse e estar pertinho de uma pessoa importante. Isso nos dá motivos de ser mais forte e encarar qualquer coisa que venha pela frente, porque você não está sozinho. Essa foi a alma e o espírito que ele (Aryon) deu para nós.

Ariel Pheula do Couto e Silva
(mestrando do LALLI)



A UnB de Aryon

Foi o visionário e antropólogo Darcy Ribeiro quem criou o primeiro Departamento de Linguística em uma universidade brasileira, a UnB, em 1963, para instruir futuros antropólogos que trabalhavam com povos que falavam outras línguas a terem uma formação completa. No mesmo ano, com o projeto de uma universidade ampla e engajada com as mudanças nacionais, Darcy convidou Aryon. Convite aceito, Aryon desembarcou no Planalto Central com uma turma de alunos convidados para implementar a primeira turma de pós-graduação da área no país.

Entre os estudantes, Daniele Marcelle Grannier, 71, que viria a ser sua companheira por 33 anos, hoje doutora e pesquisadora colaboradora do Departamento de Linguística da UnB. “Eu tinha 17 anos quando entrei no curso de letras em Curitiba e ele era meu professor”, recorda Daniele. “Na época ele havia terminado o doutorado na Alemanha e estava no Brasil há um ano, mas logo veio para a UnB. Naquele tempo, a UnB era muito nova, ‘no fim do mundo’ para muitas pessoas, por isso eles ofereciam bolsas e convidavam estudantes que poderiam ter o perfil da universidade, justamente porque ali foi a primeira pós-graduação em linguística do Brasil e não havia turma, nem processo de seleção. Começamos a namorar em 1964, noivamos e casamos em 1965”.

Com o golpe militar e a presença policial constante no campus da universidade, a UnB de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Aryon Rodrigues sofreu enormes abalos. No mesmo ano do casamento com Daniele, Aryon deixou a instituição juntamente com diversos professores e estudantes. Naquele ano, Aryon confirmou novo convite do amigo Darcy Ribeiro e seguiu com ele para dar aulas na Universidad de la Republica Uruguay, no Uruguai. Foi professor também da Universidade Nacional Autónoma do México, além de se vincular ao programa de linguística do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Obstinado em difundir o estudo da linguística no Brasil, criou em 1968, o segundo curso de pós-graduação na instituição carioca. Em meados de 1970, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) criou o próprio programa de pós-graduação, acolhendo o projeto de Aryon. Com isso, em 1973, Aryon migrou para a universidade levando consigo 25 alunos de pós-graduação. Ali, ficou até 1988 – momento em que retornou à Universidade de Brasília.

Enquanto ainda dava aulas na Unicamp, Aryon foi professor visitante da University of California System, nos Estados Unidos (1983) e entre 1986 e 1987 da Leiden University, na Holanda.

Em 1999, já atuando como professor emérito na UnB, Aryon canalizou a vontade de preservar e incentivar a participação indígena na defesa da cultura ao criar o Laboratório de Línguas Indígenas, o Lali, que depois virou o Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (Lalli). No início do laboratório não existiam políticas de cotas para acolher o índio na UnB. Apenas em 2006 o Lalli recebeu o primeiro estudante indígena.

Até hoje já passaram pelo laboratório 45 alunos de pós-graduação ou de graduação por meio de projetos de pesquisa. Atualmente, são 23 pessoas relacionadas diretamente ao Lalli. O grupo é composto por professores associados que moram fora de Brasília, estudantes indígenas e outros não índios que auxiliam na produção de conteúdo e desenvolvimento de pesquisas.



Para Makaulaka Mehináku Awetí o Laboratório foi a oportunidade de se tornar um professor melhor para os alunos da aldeia Kamayurá, localizada no Parque Nacional do Xingu ao norte do Mato Grosso. “Fico muito emocionado de saber como tudo isso começou. Quando se pensava em um lugar onde se tivesse um acervo das histórias das línguas indígenas”, revela. A vontade de fazer mestrado surgiu quando Makaulaka percebeu que era importante os índios terem aulas na própria língua. “Eu sou o produto do esforço que o professor Aryon fez junto da professora Ana Suelly. Quando eu voltar para a aldeia vou dar as minhas aulas com condições. Essa é a felicidade que eu sinto na minha mente e é a felicidade que eu sinto na minha pele”, completa emocionado.

Pioneira na implementação e ampliação das ações afirmativas para negros e indígenas no país, a UnB foi o campo propício para a criação deste que é o laboratório mais importante para a preservação e estudo das línguas indígenas brasileiras. O professor Henryk Siewierski, era diretor do departamento de Letras da UnB na época em que o laboratório foi criado. Ele ajudou diretamente Aryon no processo de construção do Lalli. Segundo Siewierski, a função do laboratório era dar melhores condições para que Ayon desenvolvesse seu trabalho. “Era importante dar condições para ele trabalhar”, confirma. Ana Suelly também ajudou o professor a implementar o local de pesquisa e garante que não haveria lugar melhor para ele estar localizado: “O Lalli surgiu aqui (na UnB) por conta do professor e do nosso trabalho, mas a história da UnB do Darcy, que era o homem dos índios, um homem com conceito de ‘universo’idade (universidade como universo de ideias e pessoas) foi essencial. Aqui você encontra um colorido, você tem essa coisa da cor, do negro, do moreno, do índio, do branco. Você tem o Brasil aqui dentro.”

A opinião é compartilhada, inclusive, por aqueles que participaram do sistema de seleção. “Ele abriu a porta pra gente. Ele lutou para abrir vagas para indígenas. Se não fosse por ele, não estaríamos aqui. Graças a ele estou aqui”, afirma o doutorando Wary Kamayurá Sabino. Aryon alterou o nome do Laboratório em 2013, mesmo estando debilitado em cadeira de rodas, para Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (Lalli), para que não confundissem a sua criação com outra instituição.

Uma das últimas grandes ações políticas de Aryon, aos 87 anos, foi participar ativamente das reuniões do Inventário Nacional de Diversidade Linguística, o Indi. “Ali, ele era a pessoa com mais experiência e com mais consciência do que ainda vai ser esse inventário para o Brasil”, destaca Jorge Domingues Lopes, 39, professor assistente da Universidade do Federal Pará (UFPA) e doutorando em linguística indígena do Lalli. “A presença dele lá não foi à toa, ele tinha essa perspectiva linguística associada à política e humanística de valorização dos povos. E isso era muito importante”.

Karabêbe

(* Homem branco com asas (anjo) em Tupi)

Como um corpo que se completa com alma, a vida de Aryon não se desvinculava do trabalho. “A rotina era trabalho e pesquisa em tempo integral. Era difícil até de tirar férias. Quando ele tirava, levava livros de várias coisas pra ler”, revela Daniele. A linguística e a cultura indígena estavam presentes nas conversas durante os almoços em família e pelos corredores da casa. Tiago Renato Rodrigues, 38, caçula dos três filhos de Ayon, relembra: “Ele tinha o escritório dele com um monte de livros, papéis, ele ficava um bom tempo lá, mas não quer dizer que ficava distante da gente até porque a gente também ia brincar lá no escritório. Ele acabava brincando com a gente”.

Além de representante do próprio povo, Wary Kamayurá Sabino enxergava em Aryon a figura de um pai. Desde que chegou ao Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) na Universidade de Brasília, em 2010, para fazer mestrado, o cuidado do linguista em saber se o aluno havia dormido e estudado bem o fez sentir como se estivesse em casa mesmo estando a aproximadamente 1,3 mil quilômetros longe do Parque Nacional do Xingu. “Eu senti que ele tem dois espíritos. Um no mundo dele e um no mundo dos indígenas. Ele sabia e respeitava muito as culturas indígenas. Para mim, eu não considerava mais como branco, eu o considerava como indígena”, ressalta.



Na minha cultura o espírito dele continua com a gente. A gente acredita muito. Ele está sempre com a gente. Eu acredito que qualquer lugar que a gente for, até nas viagens para as aldeias, ela vai estar lá com a gente para orientar a gente.

Wary Kamayurá Sabino
(doutorando do LALI)



Awaeté*

*Gente de verdade em Tupi

As lembranças que circundam a memória dos que admiravam Aryon Dall'Igna Rodrigues descrevem um homem calmo, de voz serena, passos vagando com o tempo, ainda que a mente e os incansáveis dedos continuassem a trabalhar -- agora na tela de um computador. Não admitia que mexessem em sua mesa de trabalho, que arrumassem as pilhas de papéis espalhadas entre inúmeros livros. Inteligente, de humor “fino e irônico”, o professor Aryon foi diversos nele mesmo e inesquecível em cada uma das facetas.

“Ele era uma pessoa muito bondosa. Foi um bom companheiro de todas as horas. Como a gente trabalhava sempre na mesma área, era uma coisa muito misturada. Não havia momentos em que a gente não estivesse junto. Era uma união muito estreita no sentido de que todos os momentos eram muito compartilhados”, recorda a ex-esposa, Daniele, que acrescenta outra unanimidade entre aqueles que o conheciam: Aryon era extremamente metódico. “Certa vez, a gente teve uma hóspede que ficou um ano em casa, uma professora visitante, e ele sempre fazia o café da manhã. Levantava muito cedo pra fazer café e depois de ver várias vezes a mesma situação, essa professora dizia aos risos que ele era cientista até na maneira de fazer café. Ele media tudo, era muito ritualístico.”

Os rituais se estendiam. No Laboratório, a primeira coisa que fazia quando chegava era puxar do bolso um saco plástico onde guardava separadas todas as chaves da sala. “Ele era assim: cada coisa ao seu tempo, naquela calma, olhava e via se todas as revistas e livros estavam em ordem e em sequência de número e publicação. Se não tivesse ele chamava a atenção”, detalha a estudante de doutorado do departamento de Linguística da UnB Suseile Andrade Sousa.

No caminho de estudo e dedicação como linguista, Aryon trabalhava de maneira diferenciada. Em campo, desenhava de próprio punho as atividades que os indígenas faziam diariamente. Preenchia inúmeras fichas ao descrever comportamentos, listar materiais utilizados em ferramentas, armadilhas, utensílios e em atividades culturais e festivas. Se precisava falar sobre a caça de uma onça e a retirada da pele do animal, o pesquisador desenhava os instrumentos da maneira como eram utilizados e descrevia a ação como acontecia. Neste trabalho, preocupava-se com a preservação cultural, enquanto registrava fonemas e palavras. “Ele era um linguista que documentou a cultura. Foi realmente um etnógrafo. Isso porque para ele dar um nome às coisas ele tinha que entender todo o processo e ninguém faz mais isso hoje. Eles simplesmente chegam com



Com o silêncio dele, no passinho calmo dele, ele era uma pessoa fantástica. Qualquer problema ele sentava no computador com aqueles dedos e cabeça mágicos e construía os discursos mais políticos em cinco minutos. Em várias línguas. Uma sumidade.

Ana Suelly Cabral
(linguista, amiga e ex-aluna)

um gravador, uma câmera, colocam na frente do índio e perguntam: como é que se diz isso, como é que se diz aquilo? Grava e acabou”, critica Ana Suelly. Este processo cuidadoso e etnográfico, Aryon fez com o povo indígena Xetá, que não existe mais como tribo e até recentemente era considerado extinto. A língua e a cultura do povo perderam-se no tempo, e hoje tem como parte dos poucos relatos existentes, os desenhos e descrições de Aryon.

O prazer de educar era latente na personalidade do linguista. O professor Jorge Domingues Lopes, afirma que até nas coisas banais Aryon era capaz de apontar soluções. “Com toda simplicidade, capacidade e conhecimento ele te mostrava o caminho, te dava pistas”, enaltece. Aryon fazia questão de ajudar os filhos nas tarefas escolares e ensinar valores como respeito, cordialidade e ética. “Ele sempre me ensinou bastante coisa sobre os valores das obrigações dentro da família e também conteúdos escolares. Ele foi professor de profissão e também como pai”, lembra o caçula de Aryon, Tiago.

Caminho Certo

Vinte anos dedicados a implementar cursos de pós-graduações pelo Brasil e toda a vida para criar uma rede inédita de pesquisadores e interessados na causa indígena. O legado do linguista está nas instituições, bibliotecas, aldeias, e, para o doutorando Wary Kamayurá, também no espírito: “Por causa dele e da professora (Ana Suelly) eu me senti uma pessoa importante. Se tem uma coisa que marcou a minha história e é algo que eu posso contar para os meus filhos e para os meus netos é que eu peguei o caminho certo. Peguei o caminho que brilha o meu espírito”, emociona-se.

Ele era para mim uma grande referência não só profissional mas na vida em geral. A gente compartilhava muitos momentos, muitos valores. Foi esse compartilhar de valores que manteve a gente tanto tempo juntos e continuamos amigos pelo resto da vida.

Daniele Marcelle Grannier
(linguista, amiga e ex-esposa)



ENTREVISTA

Leia a seguir fragmentos de uma entrevista inédita dada por Aryon Rodrigues ao professor do departamento de Letras da UnB Henryk Siewierski e publicada com exclusividade pela Campus Repórter. A entrevista concedida no ano de 2000 foi realizada por conta do processo de criação do Laboratório de Línguas Indígenas, o Lalli. Além disso, na época, Siewierski fazia pesquisa em línguas indígenas, com ênfase na região Amazônica. O objetivo do professor em Teoria Literária, na época diretor do Instituto de Línguas, é publicar, no futuro, a entrevista na íntegra juntamente com um estudo sobre a vida e contribuição do professor Aryon.

Henryk Siewierski (HS): Quando se fala da história do Brasil, se tem também consciência da perda de mil línguas em 500 anos, ou se é considerado como o preço necessário para que o Brasil se construísse?

Aryon Dall'Igna Rodrigues (ADR):

Impressionante, né. Aí nesse caso, ainda não há consciência a respeito. Porque ainda há um aspecto do processo de colonização, das consequências desse processo, que ainda está sendo tratado apenas por especialistas. Uma vez que está incorporada ao conhecimento, por parte talvez mesmo dos historiadores, e não está sendo levada ainda para o ensino da História do Brasil. Independentemente da comemoração ou do registro dos 500 anos do Brasil, estes estudos já vêm sendo feitos. Mas, sabe-se antes. Esta observação, o questionamento de como se deu esta redução da população. É neste palco, um mundo de línguas surgiu de uma reflexão sobre o que sabíamos das línguas do século XVI. Que tipo de informação completa que tínhamos? Então, tem-se perseguido um cronista do século XVI,

registro que teve o cuidado de enumerar vários povos indígenas, já no século XVI, sobre uma determinada área do Brasil. Então surgiu a ideia de computar quantas teriam essa área e fazer uma projeção para a área total do Brasil. Mas isto tudo é muito recente, cada vez tem mais colegas de outras áreas, da antropologia, da história, se interessando por essa matéria.

HS: Até que ponto a universidade influenciou?

ADR : A gente só pode avaliar a universidade pela situação que temos agora. Porque a maior parte dessas línguas desapareceu, fica desconhecida. Não se pode fazer nada qualitativamente. Com exceção de praticamente uma só, que é a língua Kiriri que um missionário fez a gramática e o catecismo e isto foi uma coisa bárbara. Mas depois disso o povo não foi completamente exterminado. Uma parte está viva até hoje, mas só falam português. A língua desapareceu. Os documentos que temos são do século XVII que foi muito bem documentada por um padre que trabalhou lá que tinha uma boa cabeça. É um padre italiano que se chama Luigi Vincenzo Mamiani.

HS: E quantas são as línguas?

ADR: Hoje a gente sabe que a diversidade que se fez aqui foi muito grande. Porque continua havendo uma diversidade muito grande. Nós classificamos as línguas por conteúdos genéticos, né?! Na Europa, boa parte das línguas pertence a uma mesma família genética. Aqui, no território brasileiro hoje em dia, nós temos 30 e poucas famílias linguísticas nesse sentido.

HS: Então quer dizer que entre todas essas trinta e poucas famílias linguísticas a diferença é muito grande?

ADR: Muito grande.

HS: Hoje são mais de 30 famílias genéticas. Quer dizer que no século XVI deveria ter mais?

ADR: Devia ter mais. Muito mais, nós não sabemos. Deve ter havido casos que todas as línguas de uma família terem se extinguido.

HS: Quantas dessas línguas perdidas deixaram rastros? E de que natureza são?

ADR: Muito pouca (deixou rastro). A mais consistente é o Kiriri. Preservou-se uma gramática e um texto muito grande que é o do catecismo. Aliás, são duas línguas irmãs. O Kiriri propriamente dito e o Dzubukuá que ficava na região do rio São Francisco. Um padre francês fez o catecismo. Não deixou uma gramática, mas ficou o catecismo. Então existe um texto que dá para interpretar. As duas são da mesma família. Agora, ficou a língua Tupinambá que era a língua que predominava no século XVI na costa leste do Brasil e também na costa norte. Dessas, temos duas gramáticas do Padre Anchieta e de outro padre chamado Luis Figueira. Temos também um dicionário, catecismo e uma produção literária produzida por Padre Anchieta nessa língua. Porque Anchieta era poeta e ele dominou muito bem a língua e fez muitos poemas. Partes, textos religiosos sobre a Virgem Maria, menino Jesus, e parte são poemas dramáticos para serem representados pelos meninos catecúmenos. Destes ele fez umas oito peças. Algumas bastante extensas na parte falada Tupinambá. Algumas são bilíngues. Algumas personagens falam Tupinambá, alguns falam Português. Outras são trílingues, as personagens falam espanhol também. Algumas são bilíngues só português e espanhol.

HS: Quais são as perspectivas de sobrevivência dessas línguas que hoje ainda são faladas?

ARD: A importância da preservação é, pelo menos, dupla. Uma é do ponto de vista científico. As línguas são fenômenos humanos que diferenciam comunidades humanas, mas há toda uma riqueza, uma profundidade. Elas te trazem outras maneiras de realização do espírito humano, né?! E para conhecer melhor o espírito humano o ideal é conhecer todas as variedades para conhecer qual largueza de todo o mundo. Nesse sentido, não só humano, mas também científico, saber quais são as dimensões da variabilidade científica que pode ser produzida pelo cérebro humano. As línguas são objetos extremamente complexos, que não se observam rapidamente em cinco e dez anos. Mas, estudadas, continuam sendo objeto de estudo linguístico enquanto língua, independente das literaturas. No ponto de vista científico está longe de esgotar o interesse. O outro ponto de vista é o social dos próprios povos que falam essa língua. Eles não deveriam ser colocados em uma situação que têm que abdicar da língua que é o melhor instrumento de pensamento deles, de reflexão e de preservação de uma memória cultural para ter acesso aos benefícios da civilização. O que se impõe a esses povos na verdade é abdicar tudo que é próprio deles se quiserem se beneficiar de outra cultura que está justaposta a deles. Esta é uma importância de se preservar para que essas pessoas sejam integradas no mundo comum, mas como sujeito psicológico. Não como marginais que não pertencem a nenhuma cultura ou terra própria e não têm meios de adquirir. É o que acontece com os povos indígenas quando são submetidos à perda de cultura.

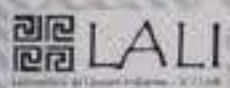
HS: Reservas são uma solução?

ADR: [A reserva] é uma solução para certos problemas. Reserva não é para um isolamento, mas pode ser pensada como isso. Elas servem para dar condições de vida da parte física deles. Eles têm que ter direito a sua terra para cultivar, para criar seus filhos. A importância da preservação é para assegurar o direito dos povos diferentes de cultivarem, dispondo do instrumento que eles têm de melhor, para se firmarem plenamente na vida.





Brasília, 2009.
Promoção:



Apoio:



Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação



ÀS MARGENS



DA ESTRADA

Um produtor de cachaça e um vendedor de abacaxi que parecem viver em outros tempos, a nostalgia da mais antiga pamonharia de Goiás, um homem que deixou o nordeste em um pau-de-arara para se estabelecer em uma cidade mineira e mais um conjunto de histórias da estrada. De Goiás ao Paraná, **Campus Repórter** passou mil quilômetros, em sete dias, na quarta maior rodovia do país para conhecer as narrativas de um Brasil diverso fincado às margens da BR-153.

Texto | Alexandre de Paula
Foto | Mateus Vidigal
Diagramação e arte | Eduardo Carvalho
Lucas Ludgero
Ilustrações | Eduardo Carvalho

Pouco depois que o motor soa e o primeiro ruído dele corta a tarde de domingo cheia de outros ruídos em Goiânia, começa a parte dessa história que se pode chamar de reportagem na estrada. Viajar mil quilômetros de carro é tarefa que exige determinação. Calor, sol queimando a pele, imprudência de outros viajantes, cansaço. Um motorista obstinado, a velocidade média de cem quilômetros por hora, chegaria ao destino dez horas depois, se não fizesse nenhuma parada apesar de todas essas dificuldades. Se a intenção

é encontrar histórias e pessoas escondidas às margens da quarta maior rodovia do país e uma das mais importantes por escoar boa parte do que se produz no país, o tempo precisa se dilatar. Dez horas, para isso, é muito pouco.

Sete dias de janeiro, quatros estados, um repórter e um fotógrafo; um carro sem ar-condicionado ou direção hidráulica; um gravador, sete blocos de anotação, dez canetas e oito pares de pilhas alcalinas; dezenas de pessoas que nunca mais veremos e histórias de gente que faz da BR o seu modo de sobreviver para contar. Assim se

faz uma reportagem na estrada. No nosso caso, ao menos.

A BR-153 corta o Brasil de norte a sul para ligar o Pará ao Rio Grande Sul. São, ao todo, oito estados e 4.355 km de extensão. Para escrever esta reportagem, foram mil quilômetros no trecho que atravessa Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Seis dias batidos em conversas de beiras de estrada e cidades de interior até se completar mil quilômetros, sem saber a princípio onde comer ou dormir; e mais um sábado ensolarado sem paradas na pista para voltar para casa. Assim se fez.

REPORTAGEM NA ESTRADA

1 fotógrafo
repórter
carro

8 velocidade
média
km/h

1.000
quilômetros
percorridos

7 dias de
janeiro

6 dias de
conversas

4
estados



**Blocos de
anotação**



**pares de
pilha**



canetas



gravador

GOIÁS

MINAS GERAIS

SÃO PAULO

PARANÁ

BR 153

A 4ª maior rodovia do país
possui 4.355 km que cortam o
Brasil de Norte a Sul



Do barro

Toda cidade do interior parece precisar se justificar e, por isso, é difícil encontrar alguma delas que não se arvore a ser capital de alguma coisa: das águas, das uvas, do abacaxi etc. Não é raro, porém, que interesses se cruzem e pode-se, por exemplo, encontrar a capital da banana em Santa Catarina ou em Goiás. A 33 quilômetros de Goiânia, pouco menos de meia-hora de viagem, Hidrolândia surge à direita da rodovia para quem segue rumo ao sul do país.

Com 17.398 habitantes, o pequeno município se vende como terra das águas e da jabuticaba. Poderia ser do artesanato ou, melhor, do comércio dele.

À beira da estrada, lojas na cidade chamam atenção de quem passa pela BR-153. Centenas de panelas de barro ou de alumínio, enfeites para jardins, potes, estátuas de anões e de animais, fontes. Um universo kitsch, galpões em que o burro do filme Shrek sorri ao lado de imagens de Nossa Senhora Aparecida ou

anões da Branca de Neve. Acima dos anões e dos santos, quadros que dizem: “Aqui nós bebe, intorta, mas não cai” e outras frases de humor etílico.

“O mundo não acaba, quem acaba é a gente”, diz Ivanir Bueno Brito, 65, de fala mansa e estatura média, um dos donos de loja de Hidrolândia, conjecturando sobre o futuro da rodovia. “Vai ter trânsito igual de cidade, os carros coladinhos.” No começo de novembro de 2013, Ivanir



comprou o comércio para vender objetos que confeccionava. “Já vi muito acidente.”

Aposentado, decidiu deixar o trabalho na construção civil para se dedicar apenas ao artesanato e às vendas. Ensina as técnicas para um bom negócio: “Você joga o preço lá no alto, o povo pechincha muito. Aí vai abaixando, só não entrego se não der lucro mesmo. Para ser honesto, tem que se contentar em ganhar pouco”, explica. Católico fervoroso, coloca imagens de Nossa Senhora Aparecida em quase todas as

obras que produz. “Mas sou devoto mesmo é do Divino Pai Eterno, vou sempre para missa em Trindade, aqui em Goiás.”

Pai de nove filhos, diz que tristeza grande tem uma só: um dos rebentos do artesão é dependente de crack. “Minha única derrota. No resto, sou rico.” Aos 32 anos, o filho enfrenta a terceira internação. Ivanir teme que o retorno do filho traga de volta a tormenta de vê-lo entregue às drogas e a instintos violentos. O medo guarda em si uma pequena esperança: “Se ele largar mesmo, estou feito”.

Na loja ao lado, o sentimento é outro. A artesã Lucialda da Silva, 50, fala o todo tempo da filha, Ludmila, que está prestes a se formar em geografia pela Universidade Federal de Goiás. “Quando ela passou, saiu até no jornalzinho, foi uma alegria mesmo”, lembra. Lucia, como no dia a dia é chamada, saiu de Goiás Velho para Hidrolândia com os pais aos 28 anos. “Viemos em busca do movimento da rodovia”, conta e pergunta, meio sem jeito, se precisaria pagar para sair na reportagem.

Geraldo do Pote é um dos artesãos da cidade de Hidrolândia e administra com a esposa uma loja no local

“O mundo não acaba,
quem acaba é a gente”

Ivanir Bueno Brito



A felicidade

O domingo em chamas se carregava, em janeiro o calor é quase sempre inimigo. O fim da tarde do primeiro dia de viagem deixava claro que seria preciso aprender a não se importar com altas temperaturas. Cinquenta quilômetros depois de Goiânia, uma placa alerta aos navegantes que, em breve, passarão pela primeira pamonharia de Goiás, a Felicidade, fundada em 1951.

A Felicidade é uma construção antiga pintada de amarelo e vermelho. Janelas de madeira que se abrem para fora deixam ainda mais viva a sensação de que o lugar pertence ao passado. No estacionamento, uma placa indica que a paineira de 63 anos que faz sombra para os carros é milagrosa. Não há milagre, na verdade.

As raízes da árvore estão sobre uma tubulação que traz água da fonte do fundo da propriedade, o que faz com que o tronco torne-se, por extensão, parte do encanamento e jorre água cristalina.

Conhecer a Felicidade é dar um passo para o passado. Um letreiro antigo de refrigerantes ainda exhibe os preços e o cardápio, não há sinal de celular, cartão de crédito só de vez em quando, uma coleção de 126 garrafas antigas na parede e funcionários de feição triste (talvez por trabalharem em um fim de domingo). Nostálgicos, depois de pamonhas e refrigerantes, deixamos a Felicidade para trás e seguimos viagem.

Neto dos fundadores, o matemático Cleodmar Agostinho administra a Pamonharia Felicidade e prepara o filho para assumir seu lugar



José Edélio abandonou a música e o cabelo black power para cuidar da família e dos negócios na cidade de Professor Jamil

Da música aos negócios

De black power. José Edélio de Melo, 57 anos, na juventude, foi baterista e tocou com nomes importantes da música brega, como Odair José. Quem passa por ali e o vê sentado na cadeira de fio nem desconfia. José usa chapéu que esconde a ausência de cabelos e protege a pele muito clara enquanto mira, da cadeira, a rodovia com olhos azuis e espera o próximo cliente chegar. Dono do único hotel de Professor Jamil (3.239 habitantes), ele abandonou a bateria para cuidar da família e dos negócios.

Orgulha-se de ser pioneiro em vários empreendimentos na cidade que ainda não tem, por exemplo, saneamento básico. “Tive a primeira máquina de produção de arroz, a primeira loja de material de construção, o primeiro hotel. Quando cheguei aqui, havia só cinco casas.” Reclama da política, mas diz que nunca teve gosto pela coisa.

“A minha sobrevivência vem da BR. Já vendi fubá, banana.” Professor Jamil está às margens da BR-153, mas, segundo José, a população parece não



perceber o potencial de estar à beira da rodovia. “Não temos uma entrada bonita nem lojas perto da pista, como em outras cidades. As pessoas não sabem o dinheiro que passa por aqui.” Enquanto conta histórias, pensa um pouco e diz que se a vida parasse agora, estaria feliz. Com o neto no colo, só lamenta não ter estudado. “Não sabia o quanto era importante, fui por um caminho errado”.

“A minha sobrevivência vem da BR”

José Edélio de Melo



O cão

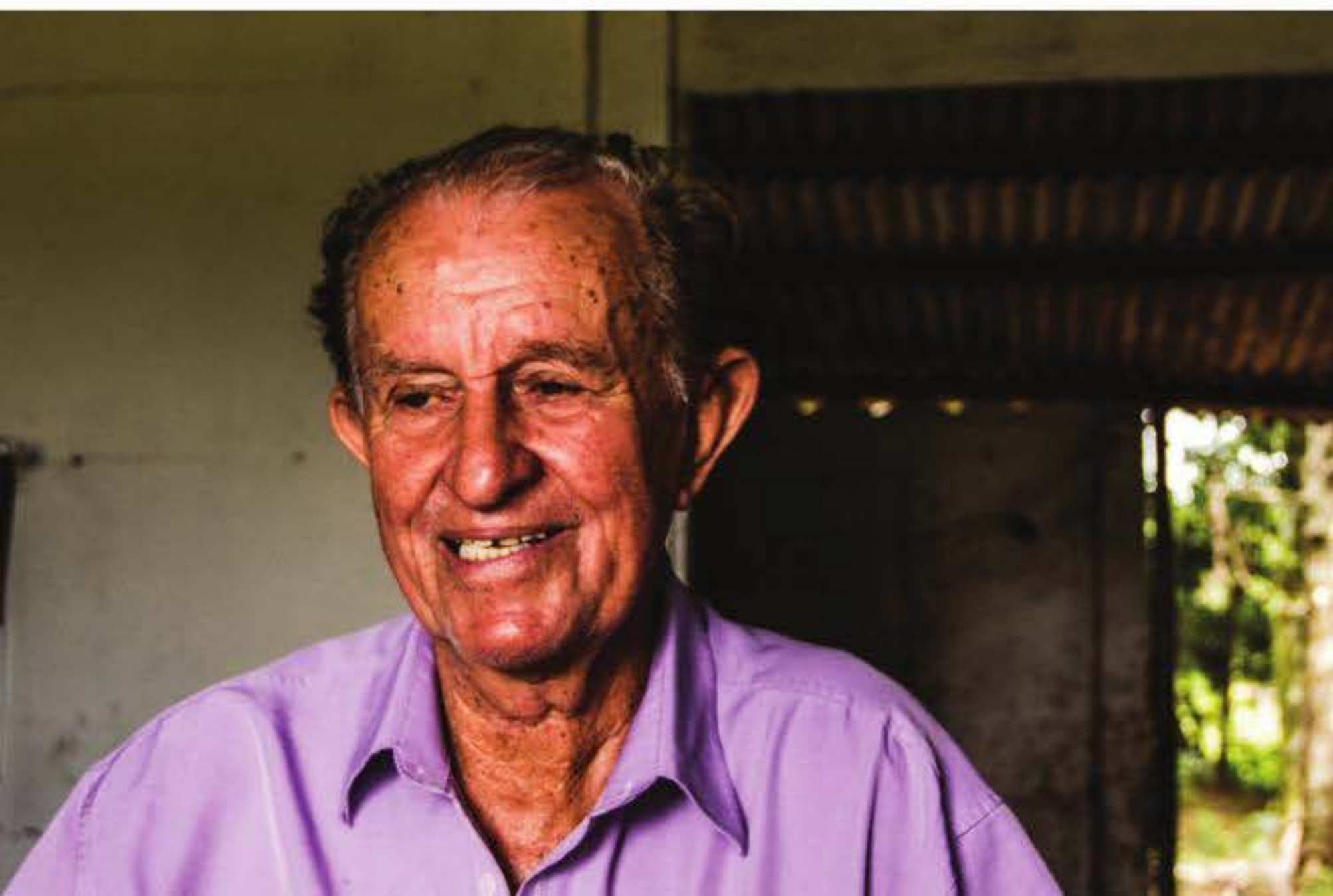
O dia corre quente. “Boa noite.” São dez horas da manhã de segunda-feira, mas é assim que Leonor Grotoli, 75, recebe quem chega no alambique em que produz e vende cachaça num barranco encostado na BR. “Comigo não tem essa coisa de como é que vai, ai, ai, bom dia, boa noite. Não tenho essa frescura”, diz. Leonor é homem alto, de cabelos grisalhos

e feições italianas. Agitado, fala muito e de maneira agressiva, é um atirador que distribui balas verborrágicas para todos lados: governo, fiscalização etc. “Escreve aí, essa lei é a lei do capeta, lei é só para quem é bandido.”

Do demo, do sujo, do Sem-Nome, do Diabo ou do Capeta, como prefere falar, Leonor parece entender. A cada frase mais longa, uma referência ao Coisa-Ruim. “Eu tentei ser o homem mais direito desse Goiás, mas esses fiscais, esses capetas vêm atrapalhar”, conta e pergunta, a todo momento,

se está tudo anotado. “Você sabe onde mora o Capeta?”, questiona. O capeta, diz, mora ali mesmo naquele pedaço de Goiás, fundão do estado, cerrado bravo perto. O Capeta late, tem pelos amarelos e anda sempre atrás de Leonor. Às vezes, lambe as visitas.

“O Capeta mora aqui”, gargalha enquanto aponta e alisa o cachorro que o acompanha e a quem deu o nome satânico. Paulista de Catanduva, Leonor diz que não troca Goiás e a beira da rodovia por nada. “É o melhor lugar para se viver.”



Produtor de cachaça nas encostas da BR, Leonor Grotoli não mede críticas a governos, fiscalização e costumes: “Essas leis são do diabo”



Num pau-de-arara

A vida de José Pereira, 54, poderia ser saga de cordel, ficção sertaneja cantada em versos matutos, mas não é. É somente a vida e seu vai e vem; drama, superação. José que seria Severino, mas acabou Silvio. Quando nasceu, o diagnóstico fora duro e seco: "Não vai viver". Mesmo assim, a mãe procurou o padre de Araruna, na Paraíba, para batizar o filho. Queria Severino, mas o religioso disse que, como não viveria, fossem José. E assim foi. Não morreu e, anos depois, passou a ser

chamado de Silvio, não sabe bem por quê. O apelido pegou.

Aos cinco anos, uma tia o convenceu a ir para o interior de Minas Gerais. "Me disse que teria roupa, comida, escola. Era tudo que eu queria." Montado num pau-de-arara viajou 14 dias e 14 noites em que comeu apenas farinha e um pedaço de carne assada. Em Minas, a tia se esqueceu das promessas e foi embora pouco tempo depois, deixando o garoto na fazenda em que trabalhavam. Aos seis anos, teve leucemia. O dono da fazenda vendeu dez alqueires de terra e pagou o tratamento. Mais uma vez, não morreu. Aos 24 anos, deixou o trabalho no roçado para tentar

a vida na cidade. Em Canápolis, Minas Gerais, foi contratado pela companhia de saneamento e ficou 16 anos no emprego até sofrer um acidente que lhe custou dois dedos e o próprio trabalho. "Fiquei perdido, afastado durante um ano e quando voltei me demitiram." Foram três anos sem rumo. "Não sabia o que fazer, fiquei esse tempo sobrevivendo com o dinheiro do acerto." Em 2000, José abriu uma barraca de farinha e outros produtos na beira da BR. Deixou a cidade para morar no próprio comércio e a vida melhorou. Só reclama, agora, de assaltos; foi vítima de três e não fica mais tranquilo. Apesar de toda a dificuldade, agradece. "É melhor levar a vida em sofrimento do que na bandidagem."

José Pereira saiu do nordeste num pau-de-arara e enfrentou desventuras para viver como comerciante em Canápolis, Minas Gerais





Onde os mortos não têm vez

Em Minas Gerais, cerradão diminui. Continua lá, mas a mão humana aparece mais forte do que no interior de Goiás. Cana de açúcar, abacaxi, laranja, tudo isso passa a ser elemento dominante da paisagem de troncos retorcidos e grama seca. Meio de caminho, um abacaxi gigante anuncia que está chegando a terra dessa fruta, que encontramos espalhada por quase todos os trechos da BR. A 14 km da 153, um distrito de 2.800 habitantes, mil deles nas

áreas rurais. No espaço urbano, 1.800 pessoas dividem um posto de saúde, duas escolas públicas, três padarias e três farmácias. Terra onde os mortos não têm vez: velório não existe, cemitério, em tempos de chuva, enfrenta inundações. Há quem diga que a água refresca os mortos, o calor nesse canto de Minas Gerais é infernal.

Ouvir a fala da região é abrir o ouvido a expressões inusitadas. Arçada, moagem, indaca: três palavras para designar situações ruins. Arçada, por exemplo, virou

verbo: “Arcei”, dizem alguns em momentos de erro. Responsável pela proeza, o Riobaldo do léxico de Aparecida de Minas, é um sujeito de meia altura, forte e de aparência mais jovem do que os 55 anos que tem.

Aguinaldo Cecílio é nome de registro, mas só a família usa. Pelas ruas é Tiele, Bórsina, Europa, Cherles e outros tantos apelidos. “Eu invento essas arçadas naturalmente. Vem na cabeça, eu mando”, diz com o vocabulário que construiu nos anos de lavoura em que matutou neologismos.



Aguinaldo Cecílio é inventor de palavras e figura muito conhecida no pequeno distrito de Aparecida de Minas

**“Eu invento
essas *arçadas*
naturalmente.
Vem na cabeça, eu
mando”**

Aguinaldo Cecílio

Na fronteira

As cidades de Fronteira (MG) e Icém (SP) fazem a divisa entre os dois estados. Pequenos municípios, à margem da BR, guardam histórias prontas para ser descobertas. José Olivério, 65, é um senhor baixo e magro, com marcas fortes do tempo no rosto, cabelos muito negros e grandes orelhas pontudas que lembram o personagem Spock de Star Trek. José vende abacaxi (a fruta vem do Distrito em que passamos antes) numa pequena barraca a menos de três metros da rodovia. É ali que mora também, em um cômodo feito com telhas de amianto na própria barraca.

Pela proximidade com a pista, já passou por momentos de risco. “Acontece muito acidente.” Diz que em 2013 o motorista de um caminhão que vinha da Bahia morreu ao volante e quase levou a barraca consigo. “Ia fazer de mim um bagaço, teve um ataque do

coração, perdeu controle e chegou a bater nos abacaxis aqui”, lembra. O vendedor tem a fala ritmada, o bigode amarelado pelo fumo e conta histórias de um mundo à parte, como se ainda vivesse em um passado sem televisão e internet; coisas que não lhe fazem falta.

Quando se entra em Fronteira, uma estátua de 12 metros no centro da cidade chama atenção. Um homem nu, com um mastro que esconde as genitais. Bernardão, como é conhecido, é alvo de várias lendas. “Dizem que não tinha nada cobrindo, mas é tudo mentira”, explica Aramis Passuelo, 77 anos.

Conhecido por todos na cidade como Ramiro, Aramis foi três vezes prefeito de Fronteira e explica que a estátua foi construída para ser pedra fundamental da cidade. “O fundador planejou o lugar e queria construir um marco e fez uma homenagem aos

trabalhadores rurais.” A 7 km de Fronteira, Icém já teve o melhor desfile de carnaval do interior paulista, segundo a Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo (Fesec). Desde 2009, no entanto, a tradição que vinha desde o fim da década de 1970 foi abandonada.

A prefeitura de Icém deixou de financiar os desfiles para trazer grupos renomados de axé para a cidade. “Foi uma questão política. As escolas de samba apoiaram outro candidato”, conta Gilberto Salustiano, 51 anos, filho do pioneiro do carnaval de rua em Icém, Jorge Salustiano. Quando o pai morreu, os filhos passaram a organizar o desfile da escola Mocidade de Icém até 2009. “É muito sacrificante e, sem ajuda do poder público, impossível”, conta, para justificar o fim da tradição.

Vendedor de abacaxi, José Olivério trabalha e vive em um barraco feito de telhas de amianto a poucos metros da BR





Conversa de vendedor

No trecho paulista da BR-153 até a grama é mais verde, tamanha a assepsia. Privatizada, a rodovia nessa área não tem buracos, sujeira nem gente. É difícil encontrar qualquer presença, além dos homens nos carros. Nada de barracas, comércio, apenas estrada e viajantes. E postos de pedágio, é claro. Em São Paulo passamos por cidades grandes (Marília, São José do Rio Preto), ali, apesar de importante, a BR não faz a vida girar. Cada cidade já é, de certa maneira, independente, ainda que muito do que chegue ou saia delas passe pela 153.

Em Ourinhos (108 mil habitantes), São Paulo, Márcio Eduardo Nogueira, 38, vende frutas em uma das avenidas da

cidade, atividade que herdou do pai e do avô. Com forte sotaque paulista, o corintiano diz que antigamente vender era mais fácil. “Hoje é complicado. Tipo assim, mercado, cartão de crédito, tudo isso atrapalha. A modernidade acabou com o pequeno.”

De óculos escuros, sentado em uma cadeira de fio, fuma e toma café em um copo improvisado de garrafa pet enquanto espera clientes. Como espera tempos de crise, pergunto se planeja mudar de ramo ou diversificar o comércio. Com a malandragem de comerciante, ele responde com humor: “Olha, é só planejamento, primeira coisa é trocar os pneus desse carro aqui, ó”. Pouco depois de cruzar

a fronteira com o Paraná, em Jacarezinho (39 mil habitantes), Paulo Camargo expõe quadros em uma esquina da cidade. De Jaguariaíva (PR), ele vende por todo o estado obras que a mulher e outros artistas produzem. Quando falo de Brasília, ele se arrepia e se entristece. Em 2013, perdeu o filho de 22 anos que estudava design de modas na capital. O garoto sofreu overdose depois de uma rave. “Ainda vou buscar as coisas do quartinho dele. Ele estava no fim da faculdade”, conta, pesaroso. Foi o filho que incentivou o pai a entrar no negócio da arte.

Em meio a dezenas de quadros, Paulo os vende por preços que variam de R\$ 200 a R\$ 3.000. Metade das vendas são



Paulo Camargo viaja pelo Paraná para vender quadros. O que mais comprou, segundo o comerciante, são réplicas de quadros de Romero Britto



Fim do caminho

de réplicas de obras de Romero Britto. Com a vida na estrada, o vendedor diz que conheceu muitas pessoas e aprendeu a levar a sério o dito de não julgar pelas aparências. “Às vezes, o cara por quem eu dou menos, vem aqui e me compra 18 telas.”

Casemiro Glomba, 69, é um produtor e vendedor de mel que reclama do baixo consumo da iguaria pelo brasileiro. A própria casa de Casemiro, porém, é um exemplo clássico do desdém pelo produto. “Sou como o brasileiro comum mesmo, quase não se vê mel na minha mesa. A gente acha que é só para remédio.” Apesar de ter descendência direta de poloneses, nunca foi e não tem vontade de conhecer a terra de

origem da família. “Meus pais eram europeus, eu sou brasileiro. Vou fazer o que lá?”

Indignado, reclama das leis brasileiras, da política, da má criação dos jovens de hoje e reflete um sentimento de insatisfação comum a boa parte das pessoas com quem falamos. Casemiro perdeu a conta dos acidentes que viu ou teve notícia na BR. “São tantos que, com o tempo, a gente nem liga.”

O barulho intenso dos carros não incomoda mais. Ao contrário, o que chateia é o silêncio. Na picape em que transporta o mel, música gaúcha acompanha o sono quando o movimento cai. “Às vezes, conhecidos me acordam puxando pelo pé.”

Embora sejam uma constante na fala de todos os que vivem da rodovia, durante a viagem não passamos por nenhum acidente, tampouco a chuva, comum a janeiro, nos encontrou. Forças do acaso. Uma simples pesquisa na internet revela que aconteceram diversos acidentes no período e no trecho em que passamos.

Nivaldo Leal, inspetor da polícia rodoviária federal de 46 anos, diz que não há um dia de trabalho sem que presencie acidentes na BR-153. “Todos os dias socorremos alguém, alguns são mais graves, já vi de tudo.” A causa da maioria: imprudência. A má condição de trechos da rodovia ajuda, mas quase sempre a culpa é de quem dirige: excesso de velocidade, ultrapassagens proibidas, distração. A estrada nem sempre perdoa quem comete esses deslizes.

Mais de mil quilômetros depois de sair de Goiânia, o sol de sábado ainda nem nasceu e já estamos na pista. A escuridão esconde as serras paranaenses e é preciso atenção. Voltamos para casa no dia quente. Sinto, enquanto dirijo, uma espécie de saudade do que deixamos para trás. Ao menos, agora, uma parte de tudo está aqui.

“Todos os dias socorremos alguém, alguns são mais graves, já vi de tudo”

Nivaldo Leal

EX-VOTO PARA BRASÍLIA

Luiz Martins

Redemoinhos vermelhos
Encomendavam gramados.

Todos eram forasteiros
Do futuro exagerado.

Teria sido mais humana
A cidade quando barro?

Resiste a cidade-Plano
Aos planos de tanto carro?

Outrora a obra em canteiro,
Ora colmeia-crediário.

Havia mais prédio que gente,
Vento solto em liberdade.

Do peão de capacete
Ao capacete de chumbo.

E se mais fez liberdade,
Verdade, carece prumo.

Árvores maiores de idade,
Hoje, avós de tanta gente.

Será que honrando o passado
De glória se faz o presente?

Luiz Martins da Silva é jornalista,
poeta e professor da UnB.

14

ano 9 • 2014
fac • unb

Edições completas em:
<http://issuu.com/campus-reporter>

Curta nossa página no Facebook:
[Facebook.com/RevistaCampusReporter](https://www.facebook.com/RevistaCampusReporter)

Reportagem e pensamento fornecem o tom da revista **Campus Repórter**, produzida, como laboratório de prática de jornalismo, por estudantes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Juntos, dão conta da informação em forma de texto, fotografia e design. O tempo conta muito, dilatado ao longo de um semestre, para aprofundar o modo de compreensão da realidade. Jornalismo é o espírito deste laboratório, renovado a cada edição na busca por informação qualificada.

